

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**KITO KIESE RODRIGUES NICÁCIO**

**ENVOLVENDO O SOLARPUNK:  
Uma Abordagem Estética Propositiva para as Relações Internacionais**

**Brasília  
2025**

KITO KIESE RODRIGUES NICÁCIO

**ENVOLVENDO O SOLARPUNK:**

**Uma Abordagem Estética Propositiva para as Relações Internacionais**

Trabalho de conclusão submetido  
ao Curso de Graduação em  
Relações Internacionais do  
Instituto de Relações  
Internacionais da Universidade de  
Brasília. Orientador: Prof.  
Vinícius Wingler Borba Santiago

Brasília  
2025

KITO KIESE RODRIGUES NICÁCIO

**ENVOLVENDO O SOLARPUNK:  
Uma Abordagem Estética Propositiva para as Relações Internacionais**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de  
Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações  
Internacionais da Universidade de Brasília.

Aprovada por:

---

Prof. Dr. – Orientador

*À todas pessoas do sul e norte global que aprenderam  
a labutar em esperança desde muito cedo.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Sagrado, à Exu, Sorokê, Ogun, Oxum, Jagun, Omolu, Oya e Oxaguiá assim como Kitembo, Lembá Nkasuté e Nzambi Olodumare, as comunidades que me acolheram e formaram. A todas ancestrais que sussurram no pé do meu ouvido, à minha guardiã e amiga, Rosa Caveira, e ao meu modelo de masculinidade, Pescador da Noite. Também agradeço a minhas ancestrais mais vivas, a minha mãe, Luzineia Rodrigues, por ter me dado corpo, nome, mundo e me criado são e saudável. Agradeço minha avó, Dona Leonça, por existir como encantada em ensinamento profundo. Ao meu primo, Pablo, e minha tia, Lucieni, com quem passo a leveza do cotidiano.

Ao mecanismo de bolsa estudantil do governo norueguês por mostrar a eficácia de uma política pública prol a educação. A todas pessoas migrantes e refugiadas ou que intencionalmente possibilitaram meu acesso a esta política.

Agradeço há quem me formou a concluir este ciclo, nesses últimos quatro anos. A todas pessoas professoras, supervisores, projetos de extensão, o coletivo negro Ubuntu e a revista OCORRE de Direito e Raça. As lições, trocas, amores, desamores e para quem esteve para me ouvir em todos estes momentos, em especial minhas amigas: Ana Caroline Olinda, Gabriella Magalhães, Mariana Dantas e Vitória Tavares.

Agradeço ao meu orientador Vinícius Santiago por ter me orientado neste trabalho e no último ano de graduação, da relação franca e direta que mantivemos, além do exemplo de pesquisador que é, foi a chave que possibilitou um trabalho com tal temática no campo das relações internacionais. O seu olhar para um campo de pesquisa tão inóspito é como um novo sol surgindo.

Por fim, nem por isso menos importante, agradeço a todos que vieram antes e mantiveram caminhos de esperança.

*Não há nada de novo  
sob o sol,  
mas há novos sóis.  
**Octavia E. Butler.***

## RESUMO

Esta pesquisa investiga o crescente interesse pelo Solarpunk, sua prática política de esperança e sua utilização estética na construção de mundos, destacando suas potenciais contribuições para o campo de Relações Internacionais como uma abordagem estética propositiva ao otimismo radical diante das crises da quíriarquia global e contemporânea.

**Palavras-chave:** Solarpunk, Abordagem Estética, Realismo Político, Otimismo Radical.

## **ABSTRACT**

This research investigates the growing interest in Solarpunk, its political practice of hope and its aesthetic use in world-building, highlighting its potential contributions to the field of International Relations as a propositional aesthetic approach to radical optimism in the face of the crises of global and contemporary kyriarchy.

**Keywords:** Solarpunk, Aesthetic Approach, Political Realism, Radical Optimism.



## 摘要

本文探讨了人们对太阳朋克日益浓厚的兴趣，还包括其所倡导的政治实践，以及在世界构建中的美学应用。文章强调，太阳朋克通过命题美学展现出激进的乐观态度，来应对当代全球性的危机。同时文章还探讨了太阳朋克对国际关系学科的潜在贡献。

**关键词：**太阳朋克、美学方法、政治现实主义、激进乐观主义。

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Bio-Hieróglifo, Mila Kotka (2024).....</b>	<b>12</b>
<b>Figura 2: Pavement #1, 2021 por Jota Mombaça. Intervenção urbana, poema apresentado no Frestas Trienal de Artes no SESC, Sorocaba.....</b>	<b>15</b>

<b>Figura 3: Bandeira Solarpunk. Publicada em 15 de janeiro de 2019 por @Starwall @radical.town".....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4: ‘Amazofuturismo’, por João Queiroz.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 5: Our shades of solarpunk star por Claire Alexis para Solarpunk Stories.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 6: Facebook Alegria 2017 — 2020 (2017).....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 7: Luz del Fuego e uma de suas serpentes em fotografia publicada na revista Carioca, em 1944.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 8: Luz del Fuego entre multidão. Foto publicada na revista O Cruzeiro.....</b>	<b>40</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1 - Documentos de Importância para o Pensamento Solarpunk.....</b>	<b>22</b>
<b>Tabela 2 - Tonalidade de Solarpunk pela Solarpunk Stories.....</b>	<b>33</b>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Investigação.....	3
Metodologia.....	3
Hipótese.....	4
CAPÍTULO I: DO REALISMO POLÍTICO E ABORDAGENS ESTÉTICAS.....	6
1.1 Acostumados ao Fato.....	6
1.2 O Realismo Político por si mesmo.....	7
1.3 Fundamentos Históricos do Pensamento Realista Político.....	9
1.4 A crise é, primeiramente, mimética: Limitações do Realismo Político.....	10
1.5 Sementes para Travessia: Refundar o Possível.....	13
CAPÍTULO II: DO SOLARPUNK E ABORDAGENS PROPOSITIVAS.....	17
2.1 O Exemplo Nazista das Capacidades de Abordagens Estéticas.....	17
2.2 Conceituando a Construção de Mundo.....	19
2.3 O Solarpunk.....	20
2.4 Endemicidade à Internet Livre.....	23
2.5 Cyberpunk.....	25
2.6 Punk!.....	27
2.7 A Estética Solarpunk.....	29
2.8 Como literatura e arte.....	31
2.8 Contra-tendência.....	33
2.9 Otimismo Radical para Abordagens Estéticas Propositivas.....	35
CAPÍTULO III: UM SOLARPUNK PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	38
3.1 Memórias da Ilha do Sol.....	38

3.2 Pensamento Solarpunk em Justaposição às Relações Internacionais do Realismo Político.....	40
3.3 Natureza Humana ou Parentesco.....	42
3.4 Poder ou Partilha.....	44
3.5 Soberania e Pluralidade.....	47
CONCLUSÃO: POR UMA PROPOSTA DE ESPERANÇA.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

## INTRODUÇÃO

Quando pensamos em Relações Internacionais (RIs), raramente a estética vem à mente. Sua ausência é particularmente notável no ambiente acadêmico e diplomático. Mesmo quando profissionais da área demonstram competência em aspectos estéticos, essas habilidades geralmente foram desenvolvidas fora do contexto formal das RIs, revelando uma lacuna significativa na formação tradicional do campo. Esta disparidade se manifesta claramente nas dificuldades enfrentadas por estudantes e diplomatas ao lidarem com comunicações que fogem dos padrões convencionais.

Essa lacuna nos faz refletir: não seria importante trazer a consciência estética para o centro da formação em Relações Internacionais? Afinal, num mundo cada vez mais visual, informático e simbólico, compreender a linguagem da estética é uma necessidade fundamental para quem pretende compreender e envolver-se à política global (Bleiker, 2001; Rancière, 2005).

O imaginário convencional das RIs é marcado por elementos simbólicos específicos: bandeiras nacionais, edifícios institucionais, cenas de conflitos armados, noticiário sobre fluxos migratórios, infraestrutura comercial (como portos e aeroportos), representações formais da diplomacia e imagens de crises humanitárias. Em cada reunião diplomática, em cada documento oficial, em cada gesto simbólico entre nações, a estética está lá, influenciando decisões e percepções.

Recentemente, este repertório visual expandiu-se para incluir questões ambientais, como catástrofes climáticas e desmatamento, além de novos artifícios tecnológicos, como a manipulação digital de imagens (*deepfakes*) e outras imagens e textos gerados por inteligência artificial no contexto político.

Para entender o impasse das RIs com a estética, precisamos entender o eixo central deste campo: Imagine-se tentando capturar a complexidade do mundo em uma única fotografia. É isso que a teoria realista das Relações Internacionais tenta fazer desde o início do século 20 - uma missão que, embora ambiciosa, revela-se cada vez mais limitada. O problema é que essa abordagem, que se diz neutra e puramente descritiva, acaba sendo tão parcial quanto a escolha do ângulo de uma foto. Ao tentar replicar a realidade "exatamente como ela é", o realismo político nas RIs cai em sua própria armadilha: ignora que toda representação do mundo já é, em si, uma interpretação — com nuances. É como usar óculos escuros e fingir que eles não alteram nossa visão.

Esta obsessão com o mimético - a tentativa de copiar fielmente a realidade - tem um preço alto. Há uma retroalimentação: como se estivéssemos presos a um roteiro já escrito, onde as únicas opções possíveis nas relações internacionais enquanto disciplina e atuação política são

aquelas que já conhecemos: conflito, poder e interesse nacional. Ficamos tão fixados nessa "fotografia" particular do mundo que perdemos a capacidade de imaginar outros cenários, outras possibilidades. O paradoxo é a tendência de apresentar uma única perspectiva como verdade absoluta. Como argumenta o pesquisador das RIs, Roland Bleiker (2001), essa visão limitada funciona como um par de óculos permanente que, com o tempo, nos faz esquecer que existem outras formas de enxergar o cenário global. O resultado? Um ciclo vicioso de respostas previsíveis e frequentemente ineficazes para crises internacionais.

Mas e se mudássemos os óculos, ou o grau, ou armação? Existem outras maneiras de entender e praticar as relações internacionais que estão marginalizadas por não se adequarem ao paradigma dominante. Como alternativa, mobilizo o solarpunk, apresentando uma nova lente para examinar as relações internacionais e o mundo. Este movimento revolucionário funciona como um ponto de conexão colaborativo, reunindo pessoas engenheiras, artistas, cientistas ambientais e escritoras em um espaço virtual de diálogo. Longe de buscar soluções utópicas, o solarpunk propõe uma abordagem prática que integra sustentabilidade, tecnologia e questões raciais, demonstrando que é possível construir respostas coletivas para desafios globais através da colaboração entre diferentes perspectivas e grupos.

Este trabalho se propõe exatamente a isso: transcender o mimético. Não se trata apenas de criticar o realismo político (como desenvolverei no capítulo 1), mas de abrir janelas para horizontes (abordagem que adotarei nos capítulos 2 e 3). A escolha do conceito de quiriarquia, criado pela feminista católica Elisabeth Fiorenza em 1992, em vez de se concentrar apenas na interseccionalidade, se justifica por uma série de razões estratégicas e teóricas. É fundamental entender que esses conceitos não se excluem, mas se complementam. A quiriarquia se destaca por oferecer uma perspectiva que foca nas estruturas de poder e naqueles que as detêm, os chamados "kyrios", dentro da sociedade ocidental.

Enquanto a interseccionalidade nos ajuda a desvendar como diferentes formas de opressão se entrelaçam nas experiências individuais e coletivas, a quiriarquia nos convida a olhar para os sistemas que perpetuam essas opressões. Ela nos revela quem são os verdadeiros detentores do poder, aqueles que influenciam decisões sobre políticas ambientais e sociais. Essa clareza é crucial, pois facilita a identificação de pontos de intervenção e resistência, permitindo que mapeemos e confrontemos os sistemas que sustentam essas desigualdades.

Assim, ao adotar a quiriarquia como uma lente analítica, ampliamos nossa compreensão das dinâmicas de poder que moldam a sociedade, abrindo espaço para uma crítica mais profunda e eficaz das estruturas que nos oprimem.

Os óculos alternativos confeccionados neste trabalho são de um movimento estético e político que serve como um guarda-chuva para discussões atuais sobre a forma como desejamos viver.

Isso abrange desde a mobilidade nas cidades até as nossas interações com a tecnologia, incluindo temas de sustentabilidade e questões raciais. O solarpunk aponta que torna este trabalho desta temática especialmente relevante não é a busca por uma solução utópica para as crises globais. Em vez disso, focamos na possibilidade de colaboração plural - grupos diversos que, unidos por princípios claros, trabalham juntos por soluções coletivas e constantes.

## **Investigação**

A pergunta científica central deste trabalho é:

Como agir diante as crises do quiriarcado<sup>1</sup> mundial através do movimento político-estético solarpunk?

Para abordar essa questão complexa, foram definidos dois eixos fundamentais de investigação:

1. O solarpunk promove uma abordagem contra-colonial<sup>2</sup> e anti-racista em relação as pessoas e culturas racializadas à margem?
2. Em que medida o solarpunk oferece elementos, instrumentos e ferramentas conceituais para analisar as relações internacionais na atualidade?

## **Metodologia**

A metodologia desta pesquisa fundamentou-se em três estratégias complementares:

- a) Revisão bibliográfica crítica sobre solarpunk e movimentos político-estéticos contemporâneos
- b) Análise de fóruns e espaços de organização digital do movimento
- c) Leitura de quatro manifestos, dois guias e um ensaio autointitulados solarpunk.

---

<sup>1</sup> Quiriarquia refere-se a um sistema social complexo que abrange diversas formas de dominação e opressão interconectadas, estendendo-se a múltiplas dimensões, como racismo, capacitismo, etarismo, homofobia, transfobia, classismo e xenofobia. A palavra é derivada do grego, onde "quirio" (κύριος, kyrios) significa "senhor" e "arquia" (ἀρχή, archè) refere-se a "autoridade" ou "dominação" (Schüssler Fiorenza, 1992; Kwock Pui-Lan, 2009; Tēraudkalns, 2003; Boochani, 2017).

<sup>2</sup> O conceito de contracolonial, desenvolvido por Nêgo Bispo, difere da decolonialidade por se basear na experiência dos povos que resistiram à colonização, em vez dos que foram colonizados. Enquanto a decolonialidade busca desconstruir estruturas coloniais internalizadas, o contracolonialismo representa uma resistência ativa ao processo colonizador, fundamentada na perspectiva "afro-pindorâmica" (união entre saberes africanos e dos povos originários) e na valorização da oralidade como forma de conhecimento.

## **Hipótese**

O movimento político-estético solarpunk constitui uma co-construção ética que busca a crítica radical e a refundação do possível no campo da realidade política. Caracteriza-se como um movimento essencialmente de internet, que opera através de redes distribuídas de produção de sentido e mobilização. O solarpunk emerge como uma plataforma de imaginação política que transcende a mera crítica, propondo a construção de futuros alternativos fundamentados em princípios de sustentabilidade ecológica, justiça social, tecnologias democratizantes e solidariedade planetária

Essa abordagem representa uma ruptura epistêmica ao realismo político com narrativas distópicas e pessimistas, apostando na capacidade humana de reinvenção coletiva e na potência transformadora da imaginação ética. Primeiro, confronto o realismo político tradicional com a estética transformadora do solarpunk. Depois, exploro como essa mistura de ficção e realidade pode criar novas formas de imaginar a política internacional. Por fim, investigo como o movimento se traduz em ação política concreta, atento às questões de raça e identidade. Vitalmente, aponto que o solarpunk pode ser um movimento estético-político com potencial de reimaginar e reconstruir nossas teorias e práticas políticas, das locais as internacionais.

Neste trabalho, o solarpunk surge como um movimento que pode desafiar o paradigma realista que se concentra em poder e conflito. Em vez de ver as relações entre estados como uma luta constante por recursos, o solarpunk propõe uma visão baseada em cooperação, sustentabilidade e otimismo tecnológico. Essa abordagem oferece um novo quadro interpretativo, onde a colaboração ecológica e a justiça social são fundamentais, sugerindo que soluções tecnológicas sustentáveis podem beneficiar múltiplas nações simultaneamente.

O solarpunk reformula a estética das Relações Internacionais ao substituir imagens de poder militar por visões de cidades verdes e cooperação para enfrentar desafios climáticos. Essa abordagem critica o pessimismo do realismo político e apresenta uma narrativa esperançosa, destacando que a inovação tecnológica e a colaboração são essenciais para resolver problemas globais como mudanças climáticas e desigualdade. Ao adotar o Solarpunk, podemos entender como iniciativas sustentáveis geram novas formas de poder e fortalecem laços entre nações, superando as alianças militares tradicionais.





## CAPÍTULO I: DO REALISMO POLÍTICO E ABORDAGENS ESTÉTICAS

### 1.1 Acostumados ao Fato

Nanook do Norte<sup>3</sup> foi um dos primeiros filmes que hoje tratamos por gênero documentário. Dirigido pelo estadunidense Robert J. Flaherty. O longa-metragem retrata a vida de uma família da etnia inuit<sup>4</sup> com enfoque no romance entre o casal. No entanto, o filme que chegou às telas em 1922 não foi a gravação original, mas uma recriação em estúdio, após a perda da primeira filmagem *in loco* no frio do Alasca (Flaherty 1922). Como observou Bill Nichols (2007)<sup>5</sup>, este é um exemplo de como o gênero documentário se estabelece em uma zona intermediária entre o (que se propõe) factual e a ficção — não somente no factual.

Desde então, o gênero evoluiu de curtas "*actualités films*"<sup>6</sup> para diversos formatos, mantendo sempre a proposta de representar honestamente diferentes visões do mundo, ainda que através de interpretações específicas da realidade. De início era evidente que a narrativa documental nos convidava a reconhecer que toda representação é uma interpretação — um olhar específico que seleciona, enquadra e significa a realidade. Mas como pessoas espectadoras, muitas vezes nos acostumamos ao documentário como fato ou a totalidade de um caso ou contexto.

Da mesma forma, a disciplina de Relações Internacionais surgiu para teorizar sobre paz e conflitos (Pereira, 2015)<sup>7</sup>, e foi atravessada durante anos por uma perspectiva pragmática baseada no conflito constante, especialmente após a Segunda Guerra Mundial com a ascensão do realismo político<sup>8</sup>. Entretanto, é crucial ressaltar que essa visão estritamente realista e conflituosa negligencia as potencialidades de cooperação internacional, as dinâmicas de interdependência complexa e os processos de construção diplomática que transcendem a mera lógica de poder e confrontação.

Contemporaneamente, de maneira análoga à interpretação frequente dos documentários como representações fidedignas da realidade, as análises realistas no âmbito das Relações

---

<sup>3</sup> Lançando como "Nanook of the North: A Story of Life and Love in the Actual Arctic".

<sup>4</sup> Os Inuit são povos indígenas que habitam a região noroeste do subcontinente norte-americano. Anteriormente, eram pejorativamente chamados de esquimós.

<sup>5</sup> Bill Nichols (1931-2022) foi um teórico e crítico de cinema estadunidense.

<sup>6</sup> Os filmes de Actuality possuem origem que reflete uma perspectiva euro-americana colonialista da tradição do *travelogue*, que é uma narrativa, frequentemente ilustrada, sobre experiências de viagens ao Sul Global.

<sup>7</sup> A primeira cátedra universitária voltada para esse campo de estudo, a Woodrow Wilson, foi estabelecida em 1919 em Aberystwyth, Reino Unido. A evolução da disciplina e o debate sobre seu objeto também estão ligados às suas conexões acadêmicas. Nos Estados Unidos, esse processo se deu na Ciência Política, com ênfase na busca por uma abordagem empírica e no positivismo. No contexto britânico, as Relações Internacionais se associaram de maneira mais autônoma a outras áreas, como o Direito, a Filosofia e a História, permitindo uma construção mais normativa.

<sup>8</sup> Sua gênese e desenvolvimento foram profundamente influenciados pelo contexto geopolítico dos Estados Unidos, refletindo as preocupações estratégicas de uma superpotência emergente em um sistema internacional cada vez mais bipolar e depois, talvez, multipolar (BLEIKER, 2021).

Internacionais podem ser equivocadamente percebidas como constructos de verdades absolutas, quando, em essência, configuram-se como elaborações de realidades potenciais e contingentes. Grande parte deste capítulo fundamenta-se nas reflexões teóricas de Roland Bleiker, particularmente em sua obra “Virada Estética - Percepção do Sensível” de 2001. O autor desenvolve uma perspectiva inovadora sobre representação, destacando um conceito crucial: a “lacuna estética” — o mimético, um espaço entre a representação e o objeto representado que teoricamente não é relevante. É neste intervalo que a política se manifesta, especialmente através de formas semióticas da representação.

Na concepção do filósofo francês Jacques Rancière (2005), política e arte compartilham uma origem comum. A política, segundo ele, é essencialmente estética, fundada no mundo sensível, tal como a expressão artística. Em seu pensamento está o conceito de “partilha do sensível”, que propõe a formação da comunidade política através do encontro discordante de percepções individuais. Nesta perspectiva, um regime verdadeiramente democrático deve necessariamente incentivar a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade, reconhecendo e valorizando a diversidade de experiências e perspectivas. Por fim, o resultado são regimes estéticos<sup>9</sup>.

## **1.2 O Realismo Político por si mesmo**

O realismo político compreende o poder como elemento central nas RIs, fundado na busca permanente de sobrevivência do Estado, onde a competição, a desconfiança e a expansão de capacidades estratégicas constituem os princípios organizadores da ação política — sendo assim: o medo constrói civilizações e, conseqüentemente, o mundo. A natureza humana é interpretada como essencialmente conflituosa, e, portanto, a ideia de soberania deste poder pode emergir somente a partir da performance de força, legitimidade e dominação no cenário global. E assim temos a teoria de origem do Estado-Moderno de Direito.

O paradigma realista encontra sua expressão mais panorâmica em “Politics Among Nations” (1948) do alemão radicado estadunidense, Hans Morgenthau. Esta obra estabeleceu uma teoria de política internacional caracterizada por sua natureza pragmática e empiricamente verificável (influência do positivismo científico<sup>10</sup>), mantendo coerência tanto em suas proposições teóricas quanto em sua aplicabilidade prática na realidade.

---

<sup>9</sup> Regime Estético que explora a relação com a obra de arte, evidenciando o colapso das regras de correspondência entre temas, formas de representação e modos de expressão, resultando na igualdade de estatuto entre todos os temas, que podem ser abordados por qualquer forma de representação (TEDESCHI, 2017).

<sup>10</sup> O realismo político e o positivismo científico compartilham uma tentativa de abordagem objetiva e empírica, focando na análise de dados concretos e observáveis.

Na perspectiva de Morgenthau (1985), a política é uma história da guerra. Ele identifica duas correntes principais de pensamento: a primeira, que se aproxima do idealismo criticado por outro autor, o E.H. Carr (2001, p. 14 e 15, p. 100)<sup>11</sup>, que defende a possibilidade de uma ordem social baseada em princípios universais, sustentada pela educação, reformas e uso limitado da força. A segunda corrente, representada pelos realistas, argumenta que existem forças intrínsecas à natureza humana que não podem ser superadas, apenas administradas. Sendo assim enfatiza-se a busca pelo equilíbrio de interesses em vez da transformação fundamental da natureza humana.

Morgenthau (1985) fundamenta sua teoria em seis princípios essenciais que se entrelaçam para formar uma visão coesa das relações internacionais. Ele parte da premissa de que a política é regida por leis objetivas que têm suas raízes na própria natureza humana, estabelecendo como conceito central o interesse definido em termos de poder. Este interesse, embora seja um elemento universal, apresenta um conteúdo que pode variar de acordo com o contexto. Em sua teoria, Morgenthau reconhece uma constante tensão entre os princípios morais universais e a ação política concreta, destacando também a importante distinção entre as aspirações morais específicas de cada nação e as leis morais que se pretendem universais. Por fim, ele estabelece a autonomia da esfera política como um princípio fundamental, completando assim o arcabouço teórico que influenciaria profundamente o estudo das relações internacionais.

O que torna a perspectiva de Morgenthau especialmente provocativa, para seu contexto, é sua insistência em separar retórica de realidade. Para ele, compreender política internacional exige olhar além dos discursos e focar nas ações concretas dos Estados. O caso do período de terror do Maximilien Robespierre<sup>12</sup> serve como exemplo: suas declarações elevadas sobre virtude republicana contrastavam drasticamente com suas práticas políticas brutais.

Esta abordagem realista desafia não apenas o idealismo liberal — julgado como ingênuo, mas também a tendência de compartimentalizar política, economia, ética e estética. O resultado é uma visão mais complexa e interconectada das relações internacionais, onde Estados perseguem seus interesses em um sistema de múltiplas dependências e conflitos inevitáveis.

---

<sup>11</sup> Carr também destaca os limites do pensamento realista, sugerindo que alguns estudiosos busquem um "caminho do meio" nas relações internacionais, conciliando realismo e utopismo. Ele argumenta que a relação entre essas abordagens é dinâmica e dialética, onde o realismo, sem a utopia, pode se tornar cínico. Carr vê ambas como doutrinas frágeis que podem servir como corretivos mútuos. O pensamento imaturo é utópico e busca objetivos, enquanto o maduro combina objetivos com análise crítica, reconhecendo que utopia e realidade são interdependentes na ciência política (Griffiths, 2004, p. 20 e 21).

<sup>12</sup> Robespierre, ao longo da Revolução Francesa, proclamou ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, apresentando-se como um defensor da virtude cívica e da justiça social. No entanto, suas ações efetivas, especialmente durante o período do Terror, revelaram uma abordagem pragmática e autoritária. Ele utilizou o poder do Estado para eliminar opositores políticos e consolidar sua influência, justificando a repressão em nome da proteção da revolução e da moralidade pública (Freller, 2020).

Em relação a estética, o próprio Morgenthau utiliza analogias estéticas para discutir a relação entre a realidade política e a teoria realista, comparando a fotografia à realidade política e a pintura à teoria. Essa metáfora sugere que a teoria realista, ao abstrair elementos específicos da realidade, pode captar sua essência fundamental. Entre eles, destaca-se a dicotomia entre aparência e essência, a simplificação excessiva da relação entre teoria e realidade.

Por este viés, diversas práticas advindas da teoria realista são adotadas por governos, organizações, políticos e pesquisadores nas Relações Internacionais. Entre essas práticas, destacam-se a centralidade a permanência do Estado como ator principal — muitas vezes o único com real agência, o poder como categoria fundamental de análise, o relativismo moral na política externa e a autonomia da política internacional em relação a outras disciplinas.

### **1.3 Fundamentos Históricos do Pensamento Realista Político**

Na biblioteca particular e seletiva da historiografia de um realista político, encontramos obras basilares como "A História da Guerra do Peloponeso" de Tucídides, do século 5 antes da Era Comum, que narra o confronto entre Atenas e Esparta, transcendendo uma simples crônica de batalhas para se tornar um manual sobre como estados poderosos agem quando seus interesses colidem, marcadamente ilustrado pelo Diálogo de Melos, onde os atenienses friamente explicam que "os fortes fazem o que podem e os fracos sofrem o que devem"; séculos depois, Nicolau Maquiavel, na Florença renascentista, escreve "O Príncipe" (1532), um texto que, em vez de conselhos morais, ensina que a liderança deve usar a força do leão e a astúcia da raposa, defendendo que "é melhor ser temido do que amado"; em um canto mais discreto desta mesma biblioteca, encontra-se o "Arthashastra"<sup>13</sup> de Chanakya Vishnugupta, texto indiano do século 4 a.C. que aborda governança e estratégias de guerra, cuja inclusão no cânone realista parece ser mais um gesto simbólico para reconhecer que o pensamento sobre poder e política não é monopólio do Ocidente (Da Rocha Júnior, 2000; Gopal, 2024).

Voltando ao cânone, Thomas Hobbes (1588-1683) define a natureza humana como feita por agentes racionais, capazes de discernimento ético e naturalmente sociáveis, fundamentalmente individualista e amoral, movido por "um desejo perpétuo e incansável de poder após poder, que só cessa na morte" (Hobbes, 1994 [1660]). Esta formulação hobbesiana contribuiu decisivamente para as concepções basilares da tradição realista nas relações internacionais, particularmente no neorealismo político, ao estabelecer três pilares fundamentais: a

---

<sup>13</sup> A inserção do Arthashastra neste parágrafo serve de apoio a uma retórica tendência de usar de exemplos não-ocidentais para universalizar um ordem realista. O pesquisador filósofo de tradições, N R Gopal (2004), também pontua as dissociações cruciais em relação ao realismo político.

caracterização da natureza humana como essencialmente egoísta, o conceito de anarquia internacional, e a compreensão da política como um campo passível de racionalização e estudo científico, fundamentado na luta pelo poder.

O conceito estado de natureza hobbesiano — anarquia, se justapõe com o que a psicóloga e artista Castiel Vitorino Brasileiro contemporaneamente define como Negrume ou Imensurabilidade das Espécies<sup>14</sup>, ambos são uma condição que implica necessariamente o imprevisível. Visto pelo pensador inglês do século 17 como um estado de continuo conflito - "uma guerra como de cada homem contra cada homem" (Hobbes, 1994 [1660]). Esta concepção deriva tanto de sua compreensão da natureza humana quanto das condições existenciais dos indivíduos em sociedades europeias pós-império romano.

Por fim, a genealogia do pensamento realista tem sua origem profundamente enraizada na experiência histórica das guerras prussianas, no complexo da tradição jurídico-moral alemã e, posteriormente, na racionalização liberal estadunidense. Antes de consolidar-se como escola teórica no pós-guerra, o realismo político já gestava uma linhagem intelectual que conectava trauma histórico, reflexão filosófica e necessidade de compreender os mecanismos de poder além das narrativas idealistas predominantes (Trachtenberg, 2003, p. 156-194).

#### **1.4 A crise é, primeiramente, mimética: Limitações do Realismo Político**

Existe um fenômeno que ecoa no realismo político: a profecia autorrealizável. Assim como Cassandra, na mitologia grega antiga, cujas previsões sobre a queda de Tróia eram simultaneamente verdadeiras e ignoradas, o realismo político frequentemente opera numa lógica circular de profecia e concretização. Na Epopéia de Gilgamesh, a profecia sobre o rei semideus moldava suas ações, antecipando sua própria trajetória heróica e declínio. A título de exemplo, um mito asteca revela justamente o intervalo em que a política acontece desde um ponto de vista estético.

Na mitologia asteca, a figura divina de Quetzalcóatl representa uma das mais significativas e complexas divindades da cultura mesoamericana, sendo seu nome derivado da língua náuatle, significando "serpente emplumada" ou "serpente de penas quetzal" (Smith, 2005). Como deus do vento, ar e conhecimento, Quetzalcóatl era frequentemente retratado usando o

---

<sup>14</sup> Castiel Vitorino Brasileiro é artista, escritora e psicóloga formada pela UFES. Mestre em psicologia clínica pela PUC-SP. Recebeu o Prêmio PIPA 2021. Em sua teoria-poética, Brasileiro enxerga no transitar entre essas esferas existenciais um passo além do racionalismo cartesiano ao compor um corpo-cosmos que abraça o negrume, o fundo do oceano, o escuro, ou uma noite sem lua, estas representações da natureza não mensurável — os pesadelos do moderno.

ehecailacozcatl, conhecido como "peitoral do vento", estabelecendo forte conexão com elementos naturais e manifestações atmosféricas.

De acordo com Carrasco (2012), a divindade apresentava múltiplas facetas, estando intimamente relacionada aos ciclos de fertilidade e renovação da vegetação, além de ser considerada patrona dos mercadores, das artes e do conhecimento. Sua importância estendia-se ao âmbito sacerdotal, sendo reverenciado como protetor da aprendizagem e do sacerdócio asteca.

LaFaye (2008) destaca que existe uma significativa discussão histórica sobre a possível confusão entre a figura divina de Quetzalcóatl e Ce Acatl Topiltzin, governante da cidade de Tollan. Ademais, interpretações posteriores à colonização relacionaram esta divindade com diferentes tradições religiosas, incluindo associações com figuras cristãs, embora tais interpretações careçam de fundamentação histórica pré-hispânica.

Um aspecto controverso na historiografia de Quetzalcóatl relaciona-se à chegada dos espanhóis à América. Estudos etno-históricos contemporâneos questionam a tradicional narrativa de que Moctezuma II teria identificado Hernán Cortés como a manifestação de Quetzalcóatl em seu retorno, uma vez que não existem registros desta associação em documentos anteriores à influência colonial espanhola.

A expectativa de seu retorno não apenas influenciou as ações das sociedades astecas, mas literalmente transformou sua capacidade de resposta à invasão espanhola. De forma análoga, o pensamento realista constrói narrativas que, ao serem enunciadas, contribuem para sua própria realização: o mimético (Heidel, 1946; Nogueira, 2015; Lee, 2015).

Nesta perspectiva, o realismo político não é apenas um método de análise, mas um dispositivo performático que produz a realidade que pretende descrever. Suas lentes, focadas na competição e no conflito, tendem a alimentar os próprios mecanismos que diagnostica, numa espiral autorreferente que limita a imaginação política e reproduz padrões de confronto. Ao se recusar a reconhecer seu próprio papel na construção da realidade que pretende apenas descrever, o realismo político acaba cristalizando uma visão específica do mundo. É como se usássemos sempre o mesmo filtro para olhar diferentes paisagens e depois insistíssemos que essa é a única maneira de ver. Precisamos urgentemente de novas lentes, novos ângulos, novas formas de imaginar e compreender as relações internacionais (Bleiker, 2001).

Se os exemplos mitológicos e históricos não forem o suficiente, podemos analisar um caso contemporâneo e situado a escrita deste trabalho: os incêndios florestais criminosos que se alastraram no território brasileiro no início do segundo semestre de 2024 (AGÊNCIA BRASIL,

2024). Com foco no Centro-Oeste, a destruição dos cerrados<sup>15</sup> transcende um problema latifundiário brasileiro, revelando uma violência fundamentada na estética. Isto acontece, pois diferentemente da floresta amazônica, os cerrados não despertam o mesmo apelo estético para ação fora do meio de pessoas interessadas ou que vivem o tema. O resultado é o não-reconhecimento como área de proteção ambiental prioritária no imaginário popular guiado pela política e mídia.



**Figura 1:** Bio-Hieróglifo, Mila Kotka (2024)

Em setembro de 2024, visitei a exposição "Natureza Urbana" no Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília, que ocorria em um momento marcado por queimadas em série desde agosto. Dentro do circuito de diversos artistas, havia um círculo com almofadas no chão, onde uma obra interativa convidava os visitantes a criar desenhos a partir de sementes, galhos, folhas secas e outros materiais vegetais locais. Ao meu lado, uma senhora, nascida e criada na cidade, expressou sua incompreensão em relação ao fascínio da artista belarussa Mila Kokta, responsável pela obra. Ela comentou: "Aqui não há nada, de onde ela tirou tanta coisa bonita?", enquanto observava o que a artista chama de bio-hieróglifos (imagem 1).

Ironicamente, a queima criminosa deste suposto "nada" traz consequências devastadoras: expulsão de comunidades tradicionais, destruição de ecossistemas e traumas coletivos. Os números mostram a gravidade dessa devastação: 224 mil quilômetros quadrados em chamas, 52 inquéritos da Polícia Federal investigando incêndios criminosos e 121 mil famílias afetadas, com os povos indígenas sendo alvo de 39% dos ataques (Boechat, 2024; Hilburn, 2024).

---

<sup>15</sup> Marco Antônio Batalha (2011) aponta que o Cerrado não é um bioma único, mas um complexo de biomas, pois sua definição é frequentemente baseada em uma conotação florística equivocada. O termo "cerrado" pode ser usado em três sentidos: 1) Cerrado (domínio fitogeográfico), 2) cerrado sensu lato (tipos vegetacionais, incluindo savanas e florestas) e 3) cerrado sensu stricto (fisionomias savânicas específicas).



A representação mimética nas Relações Internacionais revela-se como um mecanismo fundamental de construção de alteridade, especialmente no contexto do Sul Global e das dinâmicas coloniais. O encontro colonial, matriz da modernidade, caracteriza-se pela produção de um “outro” ontologicamente reduzido, transformando territórios e comunidades em espaços passíveis de invisibilização e, conseqüentemente, de violação. A não abordagem estética do realismo político des-pensa e des-cria o que ele representa ao se autodeclarar não-estético, perpetuando narrativas que naturalizam a destruição e a marginalização.

Nesse contexto, a ideia de "nada" mencionada pela senhora na exposição, de forma indignada, na exposição do museu, reflete uma estratégia epistemológica colonial característica das Relações Internacionais. Nela, territórios e povos são ressignificados como espaços "vazios" ou "não civilizados", o que legitima práticas de expropriação e violência. Diferentemente da Amazônia, os cerrados brasileiros, bem como os territórios globais que foram colonizados pelas grandes potências, não se encaixam na narrativa convencional das Relações Internacionais, permanecendo assim como um “nada” absoluto. Esses cerrados, assim como outros territórios do Sul Global, são sistematicamente excluídos dessa narrativa, resultando em sua invisibilidade e na potencial devastação sob o regime estético euro-ocidental.

A representação mimética, paradoxalmente, torna-se não apenas um instrumento de descrição, mas um mecanismo de produção de realidades, onde a alteridade é constantemente negociada e reconstituída através de processos de (des)reconhecimento e (des)legitimação. O realismo político, ao construir narrativas sobre o suposto não-estético, perpetua uma compreensão limitada das dinâmicas internacionais, negligenciando atores não-estatais e simplificando os processos de decisão política. Sua abordagem estritamente estatocêntrica desfoca a complexidade de um mundo hiperconectado, onde pessoas e comunidades exercem papel influente.

Embora ofereça insumos sobre poder, o realismo político precisa ser visto em justaposição a demandas de perspectivas mais holísticas, interseccionais e interdisciplinares, capazes de interpretar efetivamente os desafios multifacetados do cenário internacional contemporâneo, como a crise climática e outras emergências globais sem retro-alimentar a origem destes mesmos problemas.

### **1.5 Sementes para Travessia: Refundar o Possível**

Compreendo que as limitações e crises do realismo político estão ligadas a uma epistemologia cartesiana, que ignora a dimensão estética na política. A partir disso, consideramos propostas

contemporâneas para novas soluções, como a de Jota Mombaça (2022), que sugere refundar o realismo político com base no "possível", entendendo que este “possível” como uma ficção politicamente regulada, densa e vigiada.

Como podemos abordar a questão do realismo político e desarmar suas armadilhas, [...] É fundamental pensar em como conseguimos imaginar uma situação sem sermos engolfados pela narrativa predominante do mundo. Precisamos elaborar ficções que não sejam limitadas [...] Nesse contexto, a imaginação política e a ficção se tornam ferramentas essenciais [...] Essas ferramentas nos permitem imaginar outros mundos e novas formas de resistência, além de maneiras resilientes de elaborar criticamente nossa realidade [...]

Devemos entender que as coisas não são apenas como parecem; elas são também fruto de sonhos e imaginações. O ponto aqui é liberar a imaginação sobre como as coisas são. Acredito que podemos chegar a lugares muito significativos, que podem se inscrever nas nossas imaginações e na nossa vivência. É fundamental expandir o que consideramos possível.

Para isso, precisamos estar abertos e dispostos a explorar a instabilidade e a força que vêm de diferentes fontes. Muitas vezes, isso se reflete em produções ativistas ao redor do mundo. É um trabalho que não começa em mim, mas que é contínuo e coletivo. É um esforço para deixar a mente aberta ao registro do possível e intervir sobre ele de maneira contundente (África Nas Artes, 2018).



**Figura 2:** *Pavement #1*, 2021 por Jota Mombaça. Intervenção urbana, poema apresentado no Frestas Trienal de Artes no SESC, Sorocaba.

A obra "Pavement #1" de Jota Mombaça apresenta uma intervenção urbana que desafia as premissas do realismo político nas relações internacionais. A frase "A FUGA SÓ ACONTECE PORQUE É IMPOSSÍVEL", instalada em uma via pública, provoca uma reflexão sobre o que realmente consideramos impossível e por que aceitamos certas impossibilidades como verdades absolutas. O realismo político, ao limitar o que é possível, nos acostuma a declarações que reforçam a ideia de que a mudança é inviável. Mas o que é impossível? Mudar a natureza humana, que será e sempre foi má? É impossível evitar a guerra, que sempre existiu e sempre existirá?

Mombaça dialoga criticamente com o realismo político, que fundamenta sua teoria em supostas impossibilidades, como a natureza humana conflituosa e a anarquia internacional. E o solarpunk bebe da mesma fonte de Jota Mombaça, que tenciona os limites do possível e do impossível, perturbando as fronteiras do mimético ao questionar o que é realmente possível. Se substituíssemos o "impossível" pelo "possível", a fuga poderia ser transformada em permanência, resistência ou construção alternativa. Essa é precisamente a proposta do solarpunk: questionar as impossibilidades presumidas e criar espaços para novas possibilidades. Tanto Mombaça quanto o movimento desafiam a resignação diante do "impossível" e propõem uma reconfiguração radical de como pensamos sobre mudança social e política, sugerindo que

o verdadeiro impossível talvez seja continuar aceitando como imutáveis os sistemas que perpetuam desigualdade e destruição ambiental.

Exemplos cotidianos dessa dinâmica podem ser vistos em movimentos sociais que lutam por justiça racial, igualdade de gênero e direitos LGBTQIA+. Esses grupos minimizados que, frequentemente, desafiam a narrativa de que a mudança é impossível, promovendo ações que visam transformar estruturas sociais e políticas. Esta reformulação para o não hegemônico não significa abandonar completamente as estruturas existentes, mas instrumentalizá-las com consciência, introduzindo perspectivas mais plurais, sensíveis e menos reducionistas sobre as dinâmicas políticas globais.

Voltando ao caso de “Nanook do Norte”, as nuances representacionais, quando não criticamente problematizadas, tendem a cristalizar-se como narrativas absolutas ou perspectivas hegemônicas. Mesmo em sua pretensa objetividade, a narrativa jornalística carrega inevitavelmente elementos estéticos, subjetivos e interpretativos. Quando transposta para qualquer suporte — seja a tela, o papel, a pintura ou a escultura — a representação imediatamente se transmuta em não-realidade, evidenciando o caráter construído de qualquer tentativa de mimetismo. Nesse contexto, emerge a necessidade de problematizar o lugar das pessoas artista, do diretora e designer em uma sociedade contemporânea crescentemente midiaticizada. Uma sociedade que simultaneamente consome e produz arte, mas frequentemente desconsidera os processos críticos de sua produção.

Em uma análise perspicaz dos romances da duologia “Semente da Terra” de Octavia E. Butler, encontramos uma notável convergência entre visão literária e transformação social que antecipa muitos elementos do movimento solarpunk e hopepunk (explicado no segundo capítulo). A obra, escrita nos anos 70, mas ambientada nos anos 2020, demonstra uma extraordinária presciência ao retratar um futuro marcado por crises climáticas e fragmentação social.

O “Livro dos Vivos”, elemento central da narrativa, apresenta uma filosofia transformadora através de mantras, entre eles o famoso “Tudo o que você toca, você transforma. Tudo o que você transforma, transforma você.” Esta perspectiva ontológica radical ressoa profundamente sobre agência e mudança social, sugerindo que somos simultaneamente produtos e produtores de nossa realidade (Butler, 2018 [1993]).

Butler constrói um cenário distópico assustadoramente familiar: um Alasca que se torna refúgio climático, comunidades de subsistência superprotegidas e isoladas, e uma sociedade fragmentada entre os que comem carne humana e os que não tem o que comer. Particularmente notável é sua previsão de um presidente que promete “Make America Great Again” - uma coincidência que sublinha a aguda compreensão da autora sobre ciclos políticos (Crum, 2016).

A resposta da protagonista Lauren Oya Olamina a este cenário desolador é especialmente significativa para o desenvolvimento posterior do Solarpunk. Sua visão de "chegar às estrelas" não é escapista, mas fundamenta-se na construção de uma comunidade ética e sustentável - A Semente da Terra. Esta comunidade<sup>16</sup> representa uma alternativa consciente ao individualismo exacerbado e ao extremismo religioso que caracterizam seu mundo.

A estética na escrita de Butler não é decorativa. Ela funciona como ferramenta de imaginação política. Butler utiliza elementos visuais e narrativos para construir não apenas um cenário distópico, mas também para visualizar possibilidades de resistência e transformação. A obra demonstra como a estética pode ser empregada como instrumento de crítica social e imaginação política, antecipando e influenciando muitos dos princípios que posteriormente definiriam o movimento solarpunk.

A narrativa oferece um contraste marcante entre diferentes respostas à crise: de um lado, o escapismo através de drogas sintéticas e realidade virtual; de outro, a construção ativa de alternativas sustentáveis e comunitárias. Este contraste ressalta a importância da agência coletiva na construção de futuros alternativos, um princípio fundamental do pensamento Solarpunk.

Em essência, Butler não apenas antecipa as crises de nosso presente, mas também oferece ferramentas conceituais e estéticas para imaginar e construir futuros alternativos. Sua obra demonstra como a ficção especulativa pode funcionar como laboratório para experimentação social e política, fornecendo modelos para resistência e transformação em tempos de crise sistêmica.

O pensamento metaficcional de Butler propõe uma epistemologia da transformação diante do futuro (nosso presente) de crises baseadas na quiriarquia. Não se trata de contemplar o mundo passivamente, mas de recriá-lo continuamente. A abordagem estética, portanto, não deve ser uma reprodução, mas um convite à reimaginação e à reinvenção constante das existências possíveis.

## **CAPÍTULO II: DO SOLARPUNK E ABORDAGENS PROPOSITIVAS**

### **2.1 O Exemplo Nazista das Capacidades de Abordagens Estéticas**

---

<sup>16</sup> Curiosamente, durante os anos 2000, mais de um grupo religioso ou trans-religioso foi criado com base no Livro dos Vivos (Shahnavaz, 2017).

Vale ressaltar que ter nuances estéticas para planejar a política não é sempre para otimismo e bem viver social. Na verdade, grande maioria dos exemplos de aplicação consciente estética foi em lugares de maior ênfase dos colonialismos, fascismos e a quiriarquia (Sousa, 2015).

No contexto da Alemanha entre 1933 e 1945, a construção estética nazista transcende a dimensão artística, configurando-se como estratégia sistemática de ressignificação cultural e legitimação política.

A genealogia do movimento revela uma intrínseca articulação com um processo de reconfiguração simbólica, onde a dimensão estética opera como dispositivo de reorganização social e subjetiva. O documentário “Arquitetura da Destruição”<sup>17</sup> de Peter Cohen elucidada essa dinâmica, evidenciando como o projeto nazista mobilizou a abordagem estética para consolidar sua narrativa hegemônica.

Adolf Hitler, artista frustrado e líder político, personifica essa simbiose entre produção estética e aspiração autoritária. Sua estratégia de construção de mundo fundamentava-se na ressignificação de referências mitológicas, históricas e culturais, articulando imaginários nórdicos, representações épicas e arquetípicas que confluíam para uma narrativa de restauração e purificação cultural.

O aparato estético nazista operacionalizou-se mediante múltiplas estratégias de controle e significação. A política cultural implementada caracterizou-se por processos sistemáticos de expurgo e interdição, materializados em eventos paradigmáticos como a exposição de "arte degenerada", na qual obras de artistas como Oskar Kokoschka, Emil Nolde e Franz Marc foram proscritas, representando não apenas uma interdição estética, mas uma declaração biopolítica de exclusão.

A dimensão estética no nacional-socialismo extrapolava a produção artística, penetrando em campos como saúde, urbanismo e corporalidade. Políticas de esterilização, classificações raciais e projetos de "embelezamento" configuravam tecnologias de poder que utilizavam a estética como dispositivo de normalização e hierarquização social. Intelectuais como Alfred Rosenberg, Hans Lutsch e Von Schirrst desenvolveram elaborações teóricas que articulavam estética, raça e política, inspirados no ideário wagneriano de restauração cultural. Essa produção discursiva funcionava como aparato de legitimação ideológica, construindo narrativas de regeneração nacional.

O "Bureau de Beleza" do trabalho representava essa perspectiva, onde a organização estética dos espaços laborais disciplinava e produzia subjetividades alinhadas ao projeto nazista. A experiência estética no nacional-socialismo transcendia a expressão artística, configurando-se

---

<sup>17</sup> Lançado originalmente como *Undergängens Arkitektur*

como dispositivo complexo de poder que articulava produção de sentidos, construção de imaginários e práticas de exclusão numa estratégia biopolítica de transformação social radical. Essa configuração evidencia como a estética pode ser mobilizada como instrumento de dominação, ultrapassando a dimensão contemplativa para se constituir como tecnologia política de significação e controle. Curiosamente, essa abordagem encontra seu contraponto radical na estética solarpunk, que, embora utilize veículos e organizações similares, propõe uma ética diametralmente oposta de construção social<sup>18</sup>.

## 2.2 Conceituando a Construção de Mundo

A construção do mundo, ou *world building*, é o processo de criação de cenários imaginários, frequentemente em universos fictícios. O termo surgiu na Edinburg Review em 1820 e foi utilizado por Arthur Eddington em 1920 para descrever mundos com leis físicas diferentes. Os bureaus e conferências nazistas também realizaram um tipo de construção de mundo, fundamentada em falsificações históricas e no contexto europeu.

Criadores e jogadores de RPG<sup>19</sup> adotam duas abordagens principais para o *worldbuilding*: de cima para baixo e de baixo para cima. A primeira envolve a definição de uma visão geral do mundo, incluindo habitantes, tecnologia e geografia, antes de detalhar aspectos específicos, resultando em um mundo coeso, mas que pode exigir muito trabalho inicial. A segunda abordagem foca em desenvolver uma parte específica do mundo em detalhes, como cultura e política, enquanto as áreas adjacentes são descritas de forma mais geral.

Essa analogia vertical é relevante para as Relações Internacionais (RIs), onde o *worldbuilding* pode enriquecer a análise. Contudo, surge a questão de quem adota cada abordagem e qual delas é mais ética. Mas advém a questionar quem pensa de baixo para cima e quem pensa de cima para baixo. Qual maneira mais ética de assim fazê-lo?

As perguntas deste subcapítulo analisam as diferenças entre o paradigma realista e as abordagens solarpunk de Butler e Mombaça, que oferecem visões distintas sobre poder, mudança social e possibilidades políticas. O realismo político, com sua perspectiva "de cima

---

<sup>18</sup> O nacionalismo em geral tem tendências a construções estéticas, poderíamos usar exemplos dos EUA, União Soviética e China no entre guerras ou da construção de nacionalidade pós-colonial. A escolha pela experiência nazista tem relação com a nítida oposição de espectro ético e moral que evidencia a abordagem estética como um meio de criar possibilidade de realidade e consequentemente poder.

<sup>19</sup> RPG, ou "Role-Playing Game" (jogo de interpretação de papéis), é um tipo de jogo em que os participantes assumem os papéis de personagens fictícios e colaboram em uma narrativa. Um jogador, chamado de "mestre de jogo", descreve o cenário e arbitra as regras, enquanto os demais jogadores tomam decisões que afetam a história. Os RPGs podem ser jogados em mesas, com dados e fichas, ou online, promovendo criatividade e colaboração. Alguns exemplos populares de RPGs incluem "Dungeons & Dragons", "Pathfinder", "The Witcher RPG" e "Cyberpunk 2020".

para baixo", baseia-se na anarquia entre estados e na inevitabilidade do conflito, reforçando hierarquias existentes e limitando a imaginação de alternativas. Analistas realistas frequentemente partem de premissas que mantêm a centralidade do estado-nação e das alianças militares, restringindo a compreensão da ordem internacional.

A dinâmica entre jovens adultos jogando RPG e adultos participando de conferências de política internacional é, no mínimo, curiosa: ambos projetam fantasias baseadas em fatos, mas sem uma conexão literal com a realidade. Um exemplo emblemático disso é a Conferência de Berlim (1884-1885), onde países europeus se reuniram em torno de um mapa e traçaram linhas invisíveis sobre o continente africano, como se a geografia e as comunidades locais fossem meras peças de um jogo. Essa prática ignora que, na realidade, muitas dessas fronteiras são irrelevantes para diversas populações, revelando como as projeções políticas afetam a vida de muitas, senão todas, as pessoas do planeta de diferentes formas.

Como Moyo (2020) observa em sua análise sobre a descolonização das fronteiras e a integração regional na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), essa abordagem colonial ainda ressoa nas estruturas atuais, perpetuando divisões que não refletem a realidade social. Assim, enquanto os adultos se reúnem para discutir a política internacional, é difícil não notar a semelhança com um jogo de tabuleiro, onde as peças são movidas sem consideração pelas vidas que realmente afetam.

Por outro lado, Butler e Mombaça promovem uma construção de mundo "de baixo para cima", que surge das experiências de grupos marginalizados. Em "Semente da Terra", Butler apresenta uma jovem negra que desenvolve uma nova filosofia em resposta ao colapso social, permitindo a visualização de agência comunitária para com transformações radicais, ideia explicada pelo mantra: *criar raiz entre as estrelas*. Mombaça, por sua vez, ensina o desafio as estruturas de poder estabelecidas, destacando a importância de rupturas com o que é considerado real. Essa abordagem ética e estética não apenas questiona as desigualdades perpetuadas pelo realismo político, mas também abre espaço para futuros alternativos que não se baseiam na ordenação internacional tradicional.

### **2.3 O Solarpunk**

Imagine futuros onde as cidades são compostas por hortas comunitárias, energia solar acessível, acesso à transporte público de qualidade e um fluxo de trabalho que não vise o lucro acima de tudo. Para alimentar este mosaico imaginativo, imagine a interação de elementos e ideias como: cooperativismo popular, bricolagem, restauração ecológica, engenharias



humanizadas, futurismos protópico<sup>20</sup>, jardinagem alimentícia, cúpulas geodésicas, arquitetura e design sustentáveis, energia renovável, restauração de práticas indígenas e tradicionais, comunidades intencionais, espaços criativos, ciência dos materiais, música, permacultura<sup>21</sup>, reparos, energia solar, sustentabilidade e agricultura urbana.

O Solarpunk é uma forma esperançosa de imaginar o futuro e construir o melhor possível para realidade. Endêmico na internet dos anos 10, ele nos convida a pensar em um modelo de viver onde tecnologias, natureza e comunidades se envolvem em tendência à harmonia. Não estamos tratando da Utopia de Thomas Moore. E sim de um lugar que não só pode existir como tem de existir. Aqui o imperativo da construção de mundo é a esperança e não o idealismo.

Neste movimento, busca-se representar e alcançar uma possibilidade outra de mundo, pós-escassez, pós-hierarquia, pós-capitalista e de decrescimento<sup>22</sup> ou envolvimento<sup>23</sup>, onde a humanidade se vê como parte do natural, a energia renovável substitui os combustíveis fósseis e a produção artesanal sobrepõe a manufatura em larga escala.

No escopo deste trabalho, o solarpunk se configura como uma abordagem estética, interdisciplinar que se contrapõe ao mimético da imaginação política contemporânea. O presente capítulo objetiva apresentar um panorama abrangente do movimento, articulando suas proposições conceituais com estratégias concretas de enfrentamento aos desafios socioambientais contemporâneos.

Para delimitar epistemologicamente o Solarpunk, analisei quatro manifestos, um guia de referência e um manual para iniciantes, organizados em sua progressão temporal linear (Tabela 1).

---

<sup>20</sup> Protopia é um conceito que representa uma visão de futuro focada em melhorias contínuas e incrementais, em vez de buscar um estado perfeito (utopia) ou um futuro negativo (distopia). Essa abordagem valoriza mudanças pequenas que promovem um futuro mais sustentável e justo (BROWN, 2018).

<sup>21</sup> A permacultura, que significa "cultura permanente", é um conceito que visa criar sistemas sustentáveis de planejamento e gestão de ambientes humanos, inspirando-se nos padrões e características dos ecossistemas naturais. O objetivo é desenvolver práticas agrícolas e sociais que sejam resilientes, estáveis e que minimizem o impacto ambiental, em contraste com os sistemas industriais modernos que frequentemente dependem de combustíveis fósseis e produtos químicos, resultando em degradação ambiental. Exemplos de práticas comuns na permacultura incluem sistemas agroflorestais, pastoreio racional, construções naturais e autoconstrução, bioarquitetura e bioconstruções, e banheiros secos, que reutilizam fezes e urina humana como fertilizante (MOLLISON, 1988)

<sup>22</sup> O decrescimento é uma abordagem que propõe a redução da produção e do consumo como forma de alcançar a sustentabilidade e melhorar a qualidade de vida, desafiando a noção tradicional de que o crescimento econômico é sempre desejável (LATOUCHE, 2009).

<sup>23</sup> Nego Bispo, intelectual quilombola, critica a noção de "desenvolvimento", que ele considera desconectante, e propõe a ideia de envolvimento. Para ele, é fundamental estabelecer uma conexão profunda com a terra, os animais, nossos corpos, as roças, as formas de alimentação, a construção de casas e, principalmente, com a maneira de falar e pensar. Essa perspectiva busca contrabalançar a "cosmofobia" colonial, promovendo uma relação mais integrada e respeitosa com o mundo ao nosso redor.

Ano	Pessoa Autora ou Organização	Título do Documento	Origem	Principais Contribuições
2014	Adam Flynn	Solarpunk: Notes toward a manifesto	EUA	Inauguração do pensamento solarpunk organizado; catalisação de discussões em nichos anarquistas e ambientalistas
2017	Jay Springett	Solarpunk: A REFERENCE GUIDE	EUA	Compilação de pontos de interesse; documento referência para estudos subsequentes
2019	ReDes – Regenerative Design	Solarpunk Manifesto	Espanha	Principais designações e observações sobre o movimento e estética,
2019	Solarpunk Italia	Cos'è il Solarpunk	Itália	Perspectiva regional italiana; expansão do arcabouço teórico
2021	Gabriel Rosa Cencic	O manifesto Solarpunk	Brasil	Contribuição brasileira; discussão na área da tecnologia
2021	Fórum Solarpunk Reddit	New to Solarpunk? Start Here!	EUA	Guia introdutório; discussão de pontos de conflito; exploração de níveis de ação
2021	Solarpunk STORYIST	Solarpunk STORYIST Manifesto 1.2	Reino Unido	Expansão do arcabouço narrativo; desenvolvimento conceitual estético

**Tabela 1 — Documentos de Importância para o Pensamento Solarpunk**

Importante ressaltar a notável convergência entre esses documentos: longe de apresentarem contradições matriciais, os manifestos se complementam em suas proposições, constituindo um campo discursivo plural e integrado, onde cada perspectiva prova fortalecer ou expandir a compreensão coletiva do movimento.

A potência solarpunk reside na capacidade consciência de sua capacidade de imaginação de realidades alternativas, transformando a estética em dispositivo político de imaginação e resistência. Sua epistemologia desafia os modelos miméticos convencionais, reconhecendo a lacuna entre representação e realidade como território político fundamental.

O interesse em pesquisar o movimento solarpunk surge do entendimento de que este espaço criativo possui a capacidade dimensional de ser uma abordagem estética, processo pedagógico de amor e esperança multidisciplinar com engajamento em impacto pertinente e contrastante a índices, números e apontamentos de que a quiriarquia enquanto crise mundial será cada vez mais deteriorante. Como aponta Flynn:

*We're solarpunks because the only other options are denial or despair (FLYNN, 2014)<sup>24</sup>.*

<sup>24</sup> “Somos solarpunks porque as únicas outras opções são negação ou desespero” em tradução livre.

Para compreender o apelo do punk, os próximos subcapítulos irão explorar como o movimento surge e se desenvolve nos meios digitais, como se integra e renova a cultura punk, quais são os elementos e símbolos de sua estética, e, por fim, qual é a essência desse pensamento.

## 2.4 Endemicidade à Internet Livre

Em 17 de dezembro de 2007, o conglomerado alemão Beluga Group lançou o navio cargueiro MS Onego Deusto, que apresentava como inovação uma vela gigantesca controlada por computador, capaz de reduzir o consumo de combustível em até 30%. No ano seguinte, uma autora anônima do blog “Republic of Bees” expandiu essa ideia, discutindo a possibilidade de um novo gênero de ficção científica especulativa. É a partir dessa discussão que o termo “solarpunk” é registrado pela primeira vez (SPRINGETT, 2017).

O post do blog imaginava um mundo onde as tecnologias que moldam a sociedade moderna são fundamentadas em energias renováveis, com um foco especial na energia solar. A proposta era clara: criar narrativas que não apenas abordassem os desafios ambientais, mas que também oferecessem visões otimistas e práticas de um futuro sustentável. Essa é uma diferença pertinente que distingue o solarpunk de outras ficções afins.

O crescimento do solarpunk pode ser rastreado através de suas interações e diálogos na rede, a partir de blogs, sites, fóruns e textos, a grande maioria compartilhada por um pequeno nicho de produtores de conteúdo independentes. O solarpunk existe em uma cultura de internet que se exige mais consciente de sua existência enquanto coletivo político e virtual. Ele ainda é um resquício da internet livre pré-redes sociais fragmentadas e análogas ao feudalismo<sup>25</sup> (Jense, 2020).

Embora esteja imerso na cultura de internet, o coração do que pode ser tratado como solarpunk na web acontece em fóruns como o subreddit r/solarpunk<sup>26</sup>, além de grupos regionais, como o Discord do Solarpunk Brasil, criado em 2024. A fundação e a manutenção comunitária são fundamentais para a análise do porquê do interesse pelo solarpunk. Isso mantém o contato e a conexão em uma internet marcada por tendências de consumo neoliberais guiadas por algoritmos ocultos. Trata-se de uma retroalimentação de fatores positivos, pois as ideias

---

<sup>25</sup> Web 2.0 refere-se à segunda geração da web, caracterizada pela transição de páginas estáticas para plataformas interativas e colaborativas. Introduzida no início dos anos 2000, essa era da internet permite que os usuários não apenas consumam conteúdo, mas também o criem e compartilhem, por meio de redes sociais, blogs, wikis e outras ferramentas de colaboração online. A Web 2.0 enfatiza a participação ativa dos usuários, a conectividade e a troca de informações, transformando a internet em um espaço mais dinâmico e social.

<sup>26</sup> O subreddit r/solarpunk, criado em 2 de novembro de 2014, é uma comunidade com cerca de 145 mil membros dedicada ao movimento solarpunk, que visa promover um futuro sustentável. Os usuários podem se identificar como programadores, artistas, ambientalistas, escritores, ativistas, fazendeiros ou cientistas, editando um flair (tag de identidade do usuário) próprio. As regras incluem manter a civilidade, garantir que os posts estejam no tópico, promover um ambiente construtivo, evitar conteúdo ofensivo, não permitir gatekeeping ou desvio de assunto, e restringir memes e postagens de baixo esforço.

solarpunks não podem ser limitadas à 260 caracteres ou ao algoritmo de economia de atenção do feed do Instagram ou X.

Nos últimos anos, a tribos urbanas<sup>27</sup> e comunidades de contracultura são cercadas por elementos estéticos que sugerem, mas não explicam ou criticam (Ba, S. Shen, T, 2022; DE Sobral Gomes, 2024). Muito menos, agem ou afetam indivíduos em sua matriz de identidade como o movimento emo, rock ou punk fizeram e fazem. O discurso por trás de micro-tendências como *cottagecore*<sup>28</sup>, *clean girl*<sup>29</sup> ou *sigma*<sup>30</sup> não se diferencia tanto; elas marcam momentos estéticos superficiais e se analisadas a fundo tenderam a valores conservativos ou quiriarquicos, semelhantes às identidades pré-internet dos anos 2010. No entanto, a existência do solarpunk indica que ainda há espaço para criações desse tipo.

A conexão entre solarpunks e ativistas de código aberto, copyleft e internet livre é fundamental. O código aberto permite que qualquer pessoa modifique e distribua software livremente, alinhando-se ao movimento da Ciência Livre, que busca tornar a pesquisa científica mais acessível e transparente. O copyleft garante a liberdade de uso e distribuição de obras, em contraste com o copyright tradicional. A internet livre defende uma rede acessível e sem restrições, promovendo a liberdade de acesso e criação de conteúdo. Essa dinâmica é crucial para a sobrevivência de comunidades urbanas, que dependem de manter espaços ativos e alternativas aos fluxos de comunicação dominados pelo mercado.

Em resumo, a internet é o berço e a plataforma que sustentam a identidade e o movimento solarpunk. Sua presença digital é significativa, pois é auto-consciente e se alinha a movimentos que criticam comportamentos digitais prejudiciais, especialmente relacionados a algoritmos e consumo. O solarpunk se posiciona como um movimento que proporciona um espaço para refletir sobre suas origens.

---

<sup>27</sup> Tribo urbana é um conceito designado para grupos sociais que se formam em ambientes urbanos, caracterizados por uma identidade compartilhada, valores comuns e estilos de vida distintos. Essas tribos, baseadas em interesses ou subculturas específicas, oferecem um senso de pertencimento e comunidade, diferenciando seus membros da cultura dominante. É importante não confundir o termo racista "tribo" com seu uso em relação a grupos indígenas.

<sup>28</sup> Cottagecore é uma estética que romantiza a vida agrícola ocidental, originada no Tumblr e popularizada no TikTok. Embora celebre a simplicidade rural, a estética tem sido criticada por sua glorificação do passado colonial, do papel doméstico das mulheres e discursos de proteção do supremacismo branco.

<sup>29</sup> A estética "Clean Girl" surgiu nas redes sociais, como TikTok e Instagram, no início dos anos 2020, acumulando mais de 750 milhões de visualizações. Caracteriza-se por um estilo de vida minimalista, ênfase em organização e limpeza, moda e beleza em tons neutros, e uma aparência polida. No entanto, é criticada por elitismo, exclusão racial e conotações higienistas que podem refletir preconceitos. Essa estética reflete tendências mais amplas de idealização de um estilo de vida que é, na verdade, excludente e intensivo em recursos.

<sup>30</sup> Sigma é estética gerada de um meme da internet ou arquétipo que surgiu no final dos anos 2010, baseado na hierarquia do conceito pseudocientífico de "macho alfa". Os chamados Sigma Males são frequentemente retratados como "lobos solitários", independentes, poderosos, misteriosos e focados em autoaperfeiçoamento. No entanto, a estética Sigma é problemática, pois inclui a admiração por serial killers e mass murderers, além de promover visões homofóbicas, retratando membros da comunidade LGBTQ+ como "estúpidos", "fracos" ou "efeminados" (MARQUIS-MANICOM, 2019).

## 2.5 Cyberpunk

No início do ano de 1980, escritor estadunidense, Bruce Bethke publica um conto sobre hackers adolescentes e acaba criando um subcampo da ficção científica marcado pelo contraste “*high-tech low-life*”<sup>31</sup>. Eis o cyberpunk. Por um breve período algumas pessoas se identificaram como cyber-punks, unindo a cultura punk ao cibernético assim como no conto homônimo. Com o tempo, o conceito vira um gênero de sucesso comercial e artístico que criticava as estruturas de poder e tecnologia quiriarquica — quase sempre explorando tensões de classe e extravisismos colonial das décadas de 70 para frente.

Dentro do subgênero de ficção científica, destacam-se “*Neuromancer*” (1984), de William Gibson, e “*Snow Crash*” (1992), de Neal Stephenson, como exemplos fundamentais do gênero cyberpunk. Na indústria japonesa, “*Ghost in the Shell*” (1995) e “*Akira*” (1988) também são obras essenciais para entender os aspectos mentais, micropolítica e avanço tecnológico. A maioria das pessoas já está familiarizada com esses títulos, muitos dos quais são premiados e respeitados para além das comunidades que abordam o tema.

Para detalhar um mundo cybepunk, usarei o filme estadunidense “*Blade Runner*”, dirigido por Ridley Scott e lançado em 1982, é um clássico que se passa em uma distopia no ano de 2019. O filme retrata um futuro em que seres geneticamente fabricados, os replicantes, são utilizados para trabalhos perigosos nas “colônias fora da Terra”. Criados para serem “mais humanos que os humanos”, os replicantes da geração Nexus-6 são fisicamente idênticos aos humanos, mas carecem de emoções e empatia. Após uma revolta, os replicantes se tornaram ilegais na Terra, e unidades policiais especializadas, conhecidas como blade runners, são encarregadas de caçá-los e “aposentá-los”. O filme é baseado no romance de Philip K. Dick, “*Do Androids Dream of Electric Sheep?*” (1968), que também aborda temas como hierarquias falsas, decadência e renovação, e a dicotomia entre humanidade e não-humanidade.

---

<sup>31</sup> “High-tech, low-life” é um slogan de Bruce Sterling, apresentado no prefácio de “*Burning Chrome*” (1982), de William Gibson.

Após o sucesso de histórias cyberpunk, aconteceu a proliferação do sufixo “-punk” para nomear outros subgêneros de *sci-fi*, como steampunk<sup>32</sup>, nukerpunk<sup>33</sup> — quase sempre envolvendo um meio de energia matriz. Contudo, este novo subgêneros gradualmente perderam seu valor revolucionário, e o “-punk” se tornou uma convenção linguística para todas essas especificidades de temas que se pretende um subgênero ou estética própria<sup>34</sup>.

A transição de um manifesto contracultural para um rótulo mercadológico representa uma metamorfose significativa nos estudos da ficção científica contemporânea, onde a potência subversiva inicial se dissolve em narrativas cada vez mais convencionais e comerciais (Jameson, 1991; Haraway, 1991).

O solarpunk surge nessa família de “punks” como uma derivação que visa pensar um mundo a partir da energia solar. O pensamento acaba por se distinguir de suas co-irmãs por ter um teor harmônico em relação ao mundo. O que trouxe a atenção de pessoas interessadas em muitos temas, como ficção climática, otimismo radical e harmonia entre naturezas confluem em um único *world building*.

Contrariando a dicotomização, nesta pesquisa observa-se que cyberpunk e solarpunk são abordagens estéticas complementares, não opostas. Enquanto o cyberpunk criticaria a saturação dos mundos capitalistas, apontando suas perturbações sociais através de uma análise especulativa e hermenêutica do presente, o solarpunk se concentra na construção de alternativas para este mesmo mundo.

A popularização do cyberpunk resultou em um sequestro mercadológico, exemplificado pelo Cybertruck da Tesla, empresa do infame bilionário Elon Musk. O veículo, com estética militarizada e high-tech, representa o alvo de crítica do cyberpunk enquanto estética-ética, transformando uma reflexão social em produto de luxo. A picape, inspirada em filmes como “Blade Runner” e “Mad Max”, foi lançada custando cerca de US\$ 60.990 e simboliza a deturpação da essência crítica do movimento cyberpunk, convertendo sua estética reflexiva sobre os perigos da tecnologia em objeto de consumo. Construído com aço inoxidável ultraduro, a cybertruck é apresentada como à prova de balas, supostamente resistente a desgaste e corrosão. Paradoxalmente, o material representa um risco potencial em acidentes

---

<sup>32</sup> História deste tipo imperam um retrofuturo especulativo em que a Revolução Industrial se deu a partir do vapor. Como exemplo temos a trilogia de jogos BioShock (2007 - 2013) ou a série animada Arcane (2021)

<sup>33</sup> Atualmente é bem difícil se identificar inteiramente com uma tribo urbana ou estética própria como antigamente era. A E-Girl em poucos meses pode se tornar uma Clean-Girl e depois de dois anos se tornar uma Baddie ou Art Mom. Não é como antigamente em que as pessoas do grupo Emo mantinha essa identidade até a fase adulta onde não é mais socialmente aceito essa estética, mas mesmo assim mantém características, elementos que marcam sua identidade para todo resto de sua vida.

<sup>34</sup> Isso acontece a partir do fenômeno algorítmico de procura e criação de grupos para nichos cada vez mais específicos. As palavras em inglês “core”, “boy” e “girl” também viraram adjacências a convenções linguísticas para melhor taxonomia de uma estética.

automobilísticos. Em 2024, foi relatado a circulação dessas picapes em zonas na Chechenia durante confrontos armados da Guerra da Ucrânia, levanta questões críticas sobre o futuro que estamos projetando (Keller, 2024). Quem são os consumidores capazes de adquirir esses "semi-tanques de guerra" por preços elevados”?

Em ensaio publicado em podcast, a doutora em literatura Clara Matheus e o artista-designer Leonardo Oliveira (2024) destacam como a propaganda do cybertruck se alinha perigosamente com narrativas de conflito, sugerindo uma estética que glorifica mais a violência do que a inovação tecnológica. O cyberpunk atualmente virou uma estética cada vez mais palpável pois retroalimenta futuro que se critica quando gerações inteiras percebem-se adentrando ao distópico. Cada vez mais veremos designs que obviamente se inspiram em obras e elementos cyberpunks.

Em um contexto onde a estética da violência é promovida. O solarpunk surge como uma contracorrente. Este movimento, que se originou da taxonomia, mas completa um ciclo ao resgatar elementos das raízes do punk dos anos 70, mas se diferencia ao incorporar um otimismo radical. Assim, as pessoas que se identificam com o solarpunk formam uma nova identidade de tribo urbana, que busca não apenas criticar as narrativas de conflito, mas também promover uma construção de futuro, em contraste com episódios de violência, suas glorificações, e lucros da quiriarquia presentes no cyberpunk e outras abordagens estéticas sequestradas de seu lugar de possibilidade de emancipação.

## 2.6 Punk!

Em relação a identidade de um indivíduo solarpunk, pode se dizer que maioria se aproxima do movimento procurando repostas, soluções, recursos e refúgios às crises contemporâneas<sup>35</sup> — principalmente as de dimensão climática e ambiental. Sempre pensando no sublime da humanidade, mas ao contrário de sobrevivencialista, que se preparam para o TEOTWAWKI<sup>36</sup>. O solarpunk propõe a lidar com futuro de maneira coletivista, invés de criar um *bunker* em uma eminente ansiedade aos danos de um anarquismo de indivíduos vindo de outros que não a si mesmos.

---

<sup>35</sup> O solarpunk evita tendências reacionárias do steampunk e outro retrofuturismos, que podem evocar apitos de cachorro para a extrema-direita.

<sup>36</sup> Acrônimo para "The End of the World as We Know It" (O Fim do Mundo Como o Conhecemos, em tradução livre), utilizado para descrever cenários apocalípticos ou catástrofes que resultam em mudanças drásticas na sociedade e na vida cotidiana, frequentemente abordados em contextos de ficção, cultura pop e discussões sobre sobrevivência.

O engajamento político solarpunk apresenta notáveis intersecções genealógicas com o movimento punk originário, configurando-se como um constructo sociocultural profundamente imbricado em complexas dinâmicas de resistência e transformação.

Genealogicamente, o movimento punk<sup>37</sup> emerge como uma formação subcultural intersticial nos interstícios da década de 1970, com manifestações paradigmáticas em centros metropolitanos como Nova York (1974) e Reino Unido (1976). Jon Savage, em sua análise seminal, caracteriza esta emergência como uma sofisticada “bricolagem” epistemológica, agregando e ressignificando múltiplas expressões culturais juvenis ocidentais no período pós-Segunda Guerra Mundial, metaforicamente "unidas por alfinetes de segurança".

A semântica do vocábulo evolui dialeticamente, progressivamente incorporando conotações pejorativas associadas à marginalidade: designações que transitam entre categorias de inutilidade, indesejabilidade e construções identitárias subalternizadas.

O ethos punk configura-se como uma práxis política intrínseca, caracterizada por princípios de não conformidade, posicionamentos anti-hegemônicos – sejam estes direcionados a estruturas autoritárias, corporativas ou consumistas. A ética do "faça você mesmo" (*DIY: Do It Yourself*) emerge como estratégia de agência e resistência, promovendo ação direta e refutação sistemática de narrativas dominantes. A dimensão estética punk transcende meras categorias vestimentais, apresentando-se como um texto corporal complexo de significação política. Corpos modificados, indumentárias hiperbolicamente desviantes e estéticas underground configuram-se como linguagens de contestação, onde cada elemento – desde moicanos espetados até botas Dr. Martens – constitui-se como signo de uma gramática contra-hegemônica.

A produção cultural punk manifesta-se como um campo dialógico de expressão, congregando poesia, prosa, cinema e produção musical independente. Os zines<sup>38</sup> emergem como dispositivos contra-narrativos, espaços de enunciação que desafiam ortodoxias discursivas já estabelecidas.

O movimento, longe de configurar-se como uma entidade monolítica, apresenta-se como um rizoma de potencialidades políticas, onde distintas facções – como o movimento *Straight Edge*<sup>39</sup> – elaboram articulações específicas de resistência, conjugando abstinência de substâncias psicoativas com princípios anarquistas, veganos e ecológicos.

---

<sup>37</sup> A etimologia do termo apresenta-se como um campo epistemológico nebuloso, com possíveis genealogias linguísticas que remetem a empréstimos do léxico prisional. Registros filológicos apontam para uma primeira menção documental em 1680, com potenciais origens no vocabulário Unami ("punkw", significando "poeira") ou como metamorfose semântica do termo "spunk" (material inflamável).

<sup>38</sup> Zine é uma publicação independente, de formato pequeno e produção artesanal, que surgiu na contracultura dos anos 1960.

<sup>39</sup> Straight Edge Punk é um subgênero do punk rock que defende um estilo de vida sem drogas, álcool e promiscuidade. Surgido nos anos 1980, o movimento enfatiza autodisciplina e saúde, sendo popularizado pela banda Minor Threat.



## 2.7 A Estética Solarpunk

A estética solarpunk se caracteriza por uma poética da hibridação, operando como um palimpsesto que ressignifica narrativas espaciais e infraestruturas através de uma hermenêutica da sustentabilidade. A estética solarpunk sempre se propõe a disseminação de tecnologias acessíveis e estilos de vida conscientes, recusando-se a aceitar o determinismo ecológico apocalíptico.

A bandeira solarpunk (imagem 1) mais conhecida ilustra essa filosofia: uma composição cromática em verde e amarelo, com uma roda dentada central sobreposta à imagem do sol. Essa simbologia representa o equilíbrio entre tecnologia e ecologia, metaforizando a possibilidade de harmonização entre progresso e sustentabilidade. O amarelo simboliza o poder solar, enquanto o verde representa a sustentabilidade. A meia engrenagem sugere a reconstrução tecnológica para projetos ecológicos, e os raios solares expressam esperança e futurismo.



**Figura 3**— Bandeira Solarpunk. Publicada em 15 de janeiro de 2019 por @Starwall @radical.town"

Muitos artistas incorporaram artes de momentos e movimentos históricos de retrato do natural. A maior delas sendo a influencia do Art Nouveau<sup>40</sup>. Incorporando linhas orgânicas e fluidas que rompem com ortodoxias estéticas convencionais.

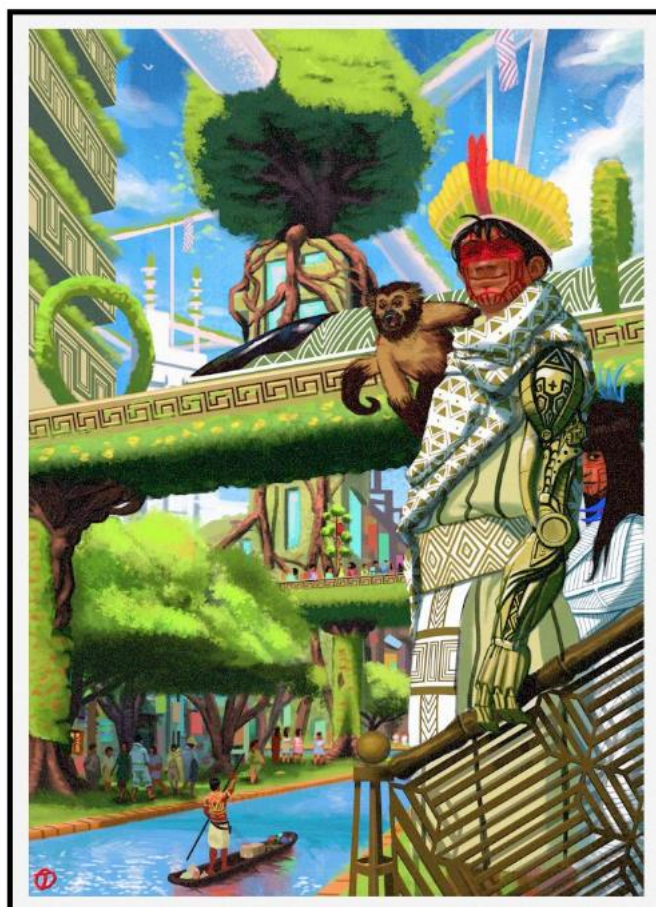
---

<sup>40</sup> O Art Nouveau, ou "Estilo Novo", foi um movimento artístico e de design do final do século XIX ao início do século XX. Caracterizado por linhas curvas e formas orgânicas inspiradas na natureza, buscava romper com tradições acadêmicas e promover uma estética moderna. Manifestou-se em arquitetura, artes decorativas e design gráfico, com artistas como Alphonse Mucha e Antoni Gaudí, enfatizando beleza, funcionalidade e produção artesanal.

O "jugaad" – do subcontinente indiano é um princípio estético e metodológico basilar. Trata-se de uma tecnologia da criatividade frugal, onde a escassez de recursos é transfigurada em potência inventiva. No Brasil, essa mesma lógica se expressa através da gambiarra, representando uma práxis de ressignificação tecnológica. O movimento articula, portanto, uma sofisticada arqueologia da esperança, onde alta tecnologia e soluções elegantes e simples convergem para produzir uma narrativa de futuro fundamentalmente transformadora.

As obras do Studio Ghibli, dirigidas por Hayao Miyazaki, inspiram o movimento Solarpunk ao explorar a relação entre tecnologia, natureza e sociedade. Filmes como "Nausicaã do Vale do Vento" (1984) e "A Princesa Mononoke" (1997) discutem a harmonização entre civilização e meio ambiente, além do conflito entre progresso industrial e preservação da natureza. Elementos que mais inspiram o Solarpunk incluem a valorização de paisagens naturais, a atenção aos detalhes cotidianos e a inventividade científica em mundos além da nossa realidade.

Os filmes de Miyazaki destacam a inventividade científica e mundos que imaginam futuros alternativos baseados em cooperação e respeito ambiental. Essa filosofia de coexistência e transformação social reflete os princípios do Solarpunk, onde a tecnologia serve à vida.



**Figura 4** — 'Amazofuturismo', por João Queiroz

Por fim, percebe-se que o solarpunk adapta aspectos regionais e esses aspectos se tornam um ciclo entre o local e o global. Por exemplo as artes amozofuturistas do artista visual digital João Queiroz (Imagem 2) que foram rapidamente incorporadas ao imaginário.

## **2.8 Como literatura e arte**

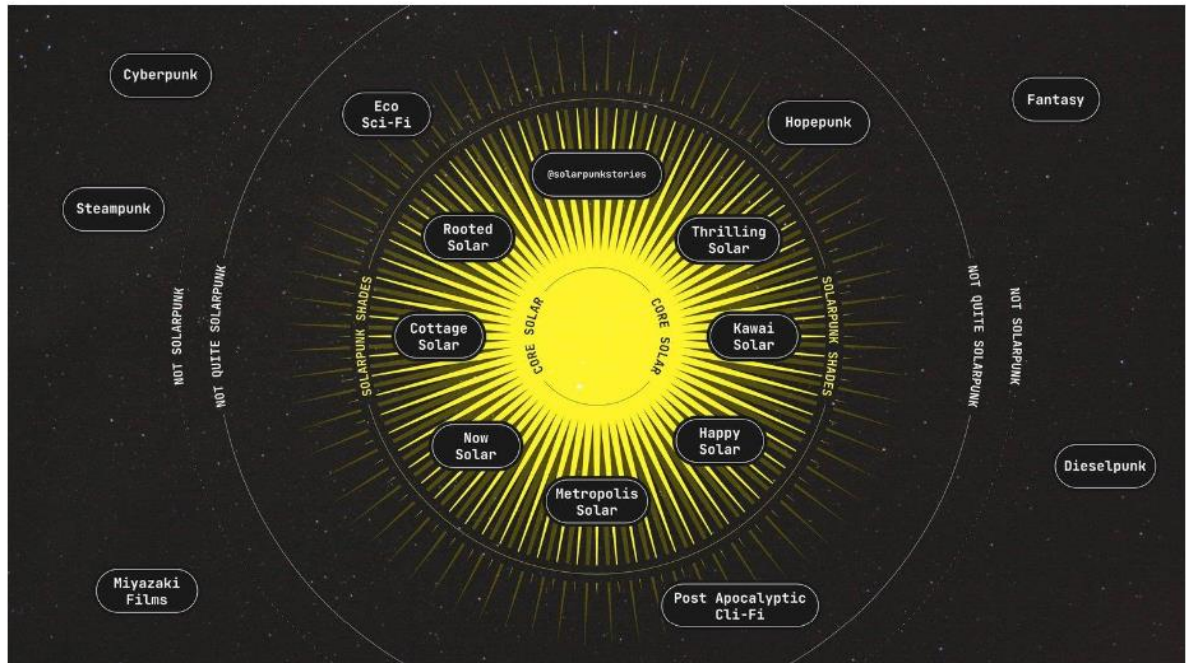
Em 2013, o solarpunk oficializou-se como subgênero literário da ficção científica ou especulativa por meio da coletânea "Solarpunk: histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável". Escrita em português e organizada pelos escritores brasileiros Carlos Orsi e Gerson Lodi-Ribeiro, conhecidos por desenvolver coletâneas em outros subgêneros punks.

O movimento solarpunk se organiza digitalmente em nichos e comunidades, mas se manifesta fundamentalmente através de obras artísticas, que podem ser categorizadas em quatro grupos. As obras pré-conceituais são aquelas anteriores à definição do solarpunk, mas que dialogam ou influenciaram trabalhos posteriores. As obras próprias são aquelas que se declaram explicitamente solarpunk. Já as obras elementais são trabalhos contemporâneos que incorporam elementos estéticos, éticos ou narrativos solarpunk, sem necessariamente se identificarem como tal. Por fim, as obras influenciadas compartilham características do movimento, mas não se auto-identificam como solarpunk. Entre os exemplos representativos, na literatura, destacam-se "A Psalm for the Wild Built" (2021) de Becky Chambers, "Sunvault: Stories of Solarpunk and Eco-Speculation" (2019), "Multispecies Cities: Solarpunk Urban Futures" (2020) e "Glass and Gardens: Solarpunk Summers/Winters" (2020). Nos quadrinhos, temos "No One's Rose" (2020), "Cashmere Sky"(2021), "The Substitutes" (2021) e "Yokohama Kaidashi Kikou" (1994).

O grupo Solarpunk Stories delineou diferentes subgêneros dentro do movimento solarpunk, utilizando a metáfora de um sol no espaço para explicar sua estrutura (Imagem 3 e Tabela 2). No centro desse sol está o núcleo, que representa os elementos comuns a todas as vertentes do solarpunk.

Para o grupo, todas as vertentes do solarpunk compartilham três aspectos principais. O primeiro é a apresentação de mundos sustentáveis, onde as narrativas solarpunk oferecem visões de futuros que não apenas são possíveis, mas desejáveis. Essas visões são inspiradoras e atraentes, ao contrário de pesadelos a serem evitados. As interpretações sobre como seria um futuro sustentável variam amplamente, ajudando a diferenciar as diferentes tonalidades do solarpunk. O segundo aspecto é a justiça social. O solarpunk busca retratar mundos mais justos socialmente, apresentando sociedades mais igualitárias, justas e inclusivas do que a realidade atual. Por fim, o terceiro aspecto é a inspiração para a ação. O grupo espera que a arte, as

histórias e o ativismo solarpunk incentivem mais pessoas a se mobilizarem para transformar essas visões de futuro em realidade.



**Figura 5** — Our shades of solarpunk star nor Claire Alexis para Solarpunk Stories (2023).

Tonalidade	Descrição
<b>Kawaii Solar</b>	Essa vertente tem um estilo que lembra animes ou desenhos animados infantis, evitando a escuridão e a sujeira. Apresenta mundos mais fantasiosos, inspirados na estética de Hayao Miyazaki.
<b>Metropolis Solar</b>	Focada em arranha-céus e carros voadores, essa tonalidade é uma atualização da visão futurista de Fritz Lang em "Metropolis". Os edifícios variam em brilho e frequentemente não apresentam arquitetura de eras anteriores, sendo representados em grande escala.

<b>Cottage Solar</b>	Retrata comunidades rurais em ambientes verdes, com habitações como yurts de vime, casas em estilo hobbit ou antigas residências adaptadas para serem mais sustentáveis.
<b>Rooted Solar</b>	Mostra lugares que parecem mais habitados e que poderiam ser criados no futuro próximo com tecnologia e recursos existentes. Essa vertente é mais propensa a retratar locais urbanos e pode ter elementos de um estilo pós-apocalíptico, mostrando comunidades vivendo em meio aos restos do nosso mundo atual.
<b>Now Solar</b>	Foca nas ações que as pessoas estão tomando atualmente para tornar suas comunidades mais sustentáveis. Isso abrange desde jardinagem guerrilheira de baixo custo até inovações em tecnologia solar e renovável.
<b>Thrilling Solar</b>	Essas histórias apresentam um mundo essencialmente melhor, mas onde conflitos, violência e assassinatos ainda existem, embora em menor escala do que na sociedade atual. Muitas das narrativas da antologia brasileira que popularizou a ideia de solarpunk em 2012 se encaixam nessa categoria, incluindo não apenas conflitos entre personagens, mas também assassinatos, tumultos e até canibalismo.

**Tabela 2** — Tonalidade de Solarpunk pela Solarpunk Stories

## 2.8 Contra-tendência

O solarpunk nunca foi uma tendência mercadológica. Até agora, a peça audiovisual “solarpunk” mais próxima da indústria do entretenimento é uma propaganda da Chobani, uma marca de iogurtes estadunidense. Isso ocorre porque a estética é essencialmente punk, politizada e disruptiva. Outro fator, mais central e frequentemente discutido, é a ideia de que distopias vendem mais. Isto ocorre, pois nos acostumamos com uma realidade tendenciosa à desordem: O pessimismo é mais realista (hooks, 2021). Também aprendemos a pensar mais no fim do mundo do que no fim do capitalismo (Fischer, 2020) e suas hierarquias.

O realismo político retroalimenta a matriz do impossível. No entanto, as indústrias culturais, em geral, especialmente aquelas que tangenciam a estética como conteúdo ou meio de comunicação, estão sob a ótica do neoliberalismo contemporâneo. Nesse sentido, o pessimismo e as distopias histórias únicas (Adichie, 2019. 64 p.) produzidas e de fácil acesso tendem a limitar o pensamento em narrativas não-centralizadas nos conflitos. Também temos outros dois problemas político-estéticos que base industrial que detalham o mimético: a padronização imposta pela industrial e o sequestro do otimismo pelo neoliberalismo.

A padronização pela indústria dialoga com o mimético, mas, na verdade, é uma réplica do que é predominante para um consumo generalizado. Essa padronização se manifesta através do marketing em diversos meios: propagandas em dispositivos móveis, *outdoors* e televisão continuam sendo ferramentas de engajamento eficazes. Um exemplo é o resgate da casa brasileira, que muitos arquitetos consideram importante, mas que, na prática, não conseguem destacar, pois o modelo de casa de concreto de classe média ou média alta é industrialmente mais barato e acessível, além de ser o que os clientes demandam, mesmo contra a vontade de muitos profissionais.

Desde os anos 90, observa-se uma crescente homogeneização que vai desde a arquitetura até produções culturais de massa, como filmes blockbusters e jogos AAA<sup>41</sup>, que apresentam cada vez menos diversidade estética e originalidade. A pensadora indígena Geni Núñez aborda essa problemática ao falar de monoculturas (Núñez, 2021), destacando como a uniformização cultural e estética pode limitar a criatividade e a inovação, resultando em um cenário onde as pessoas e expressões diversas são silenciadas em favor de um modelo que prioriza o lucro e a eficiência em detrimento da autenticidade e da riqueza cultural. Essa dinâmica não apenas empobrece a experiência estética, mas também reforça estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a falta de representatividade nas narrativas que consumimos.



**Figura 6 - Facebook Alegria 2017 — 2020 (2017)**

Para abordar o sequestro neoliberal do otimismo, posso usar como exemplo o surgimento da estética conhecida como *Corporate Memphis* ou *Alegria Art*<sup>42</sup>. Ela é caracterizada por figuras humanas estilizadas, frequentemente inseridas em cenários cotidianos, apresentando superfícies lisas, coloridas, minimalistas sempre felizes. Embora essa estética passe quase despercebida, ela é amplamente utilizada no meio corporativo e em campanhas publicitárias. Empresas como

<sup>41</sup> Triple A são títulos de alto orçamento e produção, desenvolvidos por grandes estúdios. Eles se destacam por gráficos de alta qualidade, jogabilidade complexa e enredos elaborados. Exemplos incluem *The Last of Us*, *God of War*, *Call of Duty* e *Red Dead Redemption*.

<sup>42</sup> "Alegria" (nome dado ao *Corporate Memphis* pelo Facebook em 2013)



McDonald's, Meta, LinkedIn e Alphabet adotaram esse estilo de forma extensiva no final dos anos 2010 e início dos anos 2020 (Honey et al, 2025; Know Your Meme, 2022).

O desprezo de muitos por essa estética pode ser explicado pelo contraste que ela estabelece com a realidade dos trabalhadores em fábricas ou redes de fast-food, além da experiência de consumo de certos clientes. Além disso, dados problemáticos que afetam comunidades específicas ou a sociedade como um todo também contribuem para essa aversão. O estilo tende a sanificar a comunicação corporativa, transformando representações humanas em elementos gráficos despersonalizados e assépticos.

Essa estética visual, ao ser apropriada pelo capitalismo tardio, resulta em um esvaziamento sistemático dos estados autênticos de alegria e esperança, convertendo-os em commodities estéticas que são facilmente consumidas e reproduzidas. Observa-se que essa linguagem visual tem sido utilizada de forma estratégica por grandes corporações e startups para construir uma narrativa de bem-estar e satisfação intimamente ligada ao consumo. Nesse contexto, a felicidade é apresentada não como um estado emocional genuíno, mas como um produto a ser adquirido por meio de transações comerciais. A naturalização dessa estética corporativa revela uma política estética de captura neoliberal, na qual a expressão visual da alegria é padronizada e comercializada, resultando em uma homogeneização das experiências afetivas. Isso consolida um paradigma em que existir e ser feliz se tornam indissociáveis do ato de consumir, evidenciando a profunda colonização das emoções humanas pela lógica do mercado.

Ao retratar o cotidiano de maneira feliz, pasteurizada e apolítica, a *Alegria Art*, estéticas e discurso de autoajuda, coaches, esquemas de pirâmides, academias fitness, influencers tendem a acostumar as pessoas a felicidade como escapismos ou perfeita conformidade com a quíriarquia. Ser feliz e otimista é se encaixar.

bell hooks (2021) aborda um paralelo em sua análise sobre por que não amamos de maneira saudável. Assim como a falta de amor verdadeiro nos afeta, essa rejeição também nos impede de aprender a ser otimistas e a cultivar a esperança. Fora desse falso jogo de pingue-pongue, o otimismo se transforma em uma ferramenta poderosa, atuando como um catalisador para mudanças significativas e autênticas, em vez de ser visto apenas como algo para tolos e idealistas.

## **2.9 Otimismo Radical para Abordagens Estéticas Propositivas**

Após o surgimento do solarpunk, outras codificações próximas, como hopepunk, hopecore e noblepunk, emergiram, todas representando inflexões críticas nos modos de concepção e um contraponto dialético às narrativas distópicas predominantes. O hopepunk, assim como o

Solarpunk, propõe histórias que, mesmo se passando em contextos distópicos, apresentam ou centralizam o tema da esperança, embora sem uma estética muito definida.

O noblepunk surge como uma ramificação que pensa o mundo a partir da perspectiva de um cavaleiro medieval leal e convicto, inserido em mundos corruptos, estabelecendo que a esperança também existiu no passado. Por outro lado, o hopecore é uma inflexão mais problemática. Aqui, o sufixo "core" retira ainda mais qualquer intenção de anti-establishment. O hopecore existe e existiu principalmente como uma tendência do TikTok entre 2023 e 2024, focando em pequenos momentos de esperança na sociedade, como vídeos de pessoas doando comida para moradores de rua. O perigo dessa tendência reside no fato de que alguns vídeos apresentam uma abordagem apolítica sobre as condições sociais e, em outro momento, dialogam com uma tendência chamada "delulu" ou "delusional", que convida as pessoas a serem racionalmente iludidas e felizes sobre suas condições, situações e lugar na sociedade e no mundo. No hopecore, não há punk, discurso político-estético ou ação.

O solarpunk não se configura como uma negação ingênua dos desafios contemporâneos, mas como uma estratégia de enfrentamento criativo. Seu ideal fundamenta-se na convicção de que a tecnologia pode ser um instrumento de emancipação e regeneração, em oposição a um dispositivo de exploração e dominação. Ou seja, é uma abordagem estética propositiva que vislumbra possibilidades de mundo.

Essa abordagem problematiza criticamente o viés epistemológico euro-americano, tradicionalmente hegemônico nas narrativas realistas. Ao incorporar perspectivas do Sul Global e valorizar conhecimentos não ocidentais, o solarpunk propõe uma ecologia de saberes que transcende os limites analíticos reducionistas. A ficção, nesse contexto, não se constitui como mera especulação, mas como um dispositivo de imaginação política. Trata-se de um exercício de construção de futuros possíveis, onde a criatividade se configura como uma ferramenta de transformação social.

O otimismo radical solarpunk é uma sofisticada tecnologia de resiliência. É um convite à ação coletiva, à reimaginação das possibilidades societárias e à construção de futuros fundamentados em justiça, cooperação e sustentabilidade. A abordagem estética propositiva representa uma estratégia transformadora que vai além da crítica tradicional, utilizando a imaginação como ferramenta de mudança social. Seu objetivo central é criar alternativas concretas e narrativas que expandam os limites do possível, superando a mera denúncia de problemas.

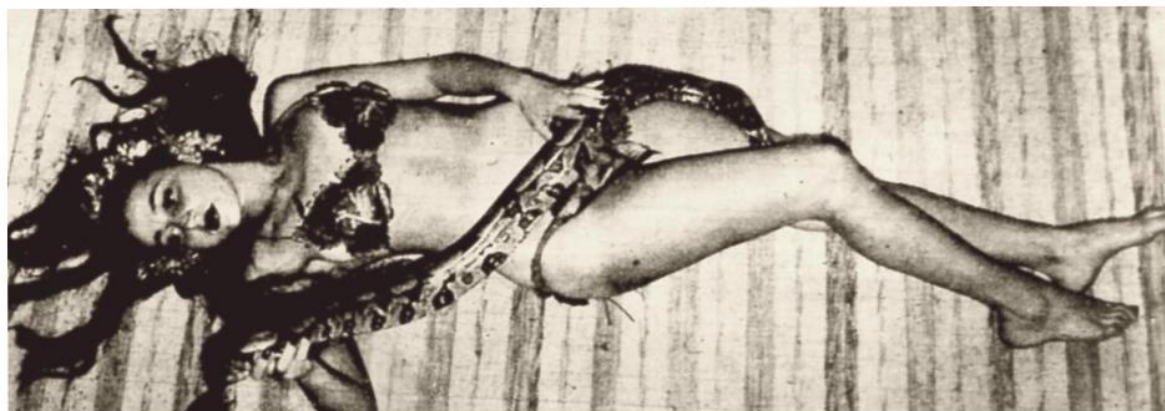
Essa perspectiva integra sensibilidade e ação prática, compreendendo a criatividade como um método sofisticado de resolução de problemas complexos. Ela desloca o foco de uma postura contemplativa para uma atitude criadora, onde projetar futuros se configura como uma tecnologia social de transformação. Mais do que diagnosticar, essa abordagem produz



ativamente linguagens e cenários que ampliam os horizontes do pensável, gerando possibilidades que não apenas descrevem a realidade, mas a transformam por meio de sua potência imaginativa.

## CAPÍTULO III: UM SOLARPUNK PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### 3.1 Memórias da Ilha do Sol



**Figura 7:** Luz del Fuego e uma de suas serpentes em fotografia publicada na revista Carioca, em 1944.

Dora Vivacqua, artisticamente conhecida como Luz del Fuego, foi uma mulher carioca que se destacou como vedete e escritora durante os anos de 1940. Suas performances nudistas e acompanhadas de Catarina e Cornèlio, suas cobras adestradas, eram consideradas “uma ameaça aos bons costumes” do Brasil. Nascida em uma família branca e tradicional do Rio de Janeiro, Luz del Fuego transformou suas apresentações em um discurso ideológico centrado no naturismo.

Em 12 de outubro de 1949, del Fuego fundou um Partido Naturista Brasileiro com um slogan ousado: “Menos roupa e mais pão! Nosso lema é ação!”. Defendia a regulamentação de jogos de aposta, proteção aos animais, liberdade para práticas religiosas de matriz africana, direitos das mulheres, como o divórcio, e uma visão holística de saúde pública baseada no contato com a natureza. Embora tenha assinaturas o suficiente, o partido foi boicotado.

Articulada, del Fuego conseguiu concessão de uso da Marinha do Brasil, para fundar o Clube Naturalista Brasileiro na Ilha do Sol, um espaço de mais de oito mil metros quadrados. A ilha tinha um projeto rigoroso de convivência. Proibia álcool, palavrões e relações sexuais em público. Promovia esportes, banhos de sol e atividades culturais. Luz del Fuego tinha um projeto alternativo para o Brasil, e o desenvolveu até ser assassinada e, posteriormente, esquecida. Sua morte, em 1967, permanece em mistério. Seu corpo foi encontrado em circunstâncias suspeitas próximo à Ilha do Braço Forte, com manchas de sangue que sugeriam um possível assassinato. Assim como sua vida, seu fim parecia condensar a violência que combatia no dia a dia.



**Figura 8** - Luz del Fuego entre multidão. Foto publicada na revista O Cruzeiro

Embora fosse bacharel em Letras, seu pensamento naturista emergiu enquanto ela performava em circos, bares, teatros e cabarés. Ela marcou as décadas de 1940 e 1950 com sua abordagem estética deixando legados invisíveis. Atualmente, devemos muito à labuta visionária e feminista de Del Fuego e de outras mulheres esquecidas que criaram e mostraram novas possibilidades de viver (Alves et al, 2016).

O caso de Vivacqua se destaca como um exemplo paradigmático na análise das Relações Internacionais brasileiras, revelando as complexas dinâmicas do encontro colonial sob uma perspectiva estética. Ao refletirmos sobre as ideias de Geni Nunez sobre a nudez indígena e o ato colonial de "cobrir os povos nativos", percebemos que o choque entre diferentes padrões estéticos vai além da superfície do corpo, manifestando um profundo embate cosmológico.

Esse conflito estético-cosmológico se aprofunda quando consideramos, como Nego Bispo aponta, a diferença fundamental entre as cosmovisões euro-cristãs monoteístas e as visões pluriteístas dos povos originários. A imposição do Deus único euro-cristão não é apenas uma questão de crença, mas traz consigo uma narrativa de punição e separação entre humanidade e natureza, que se concretiza no mito genesíaco do "suor do rosto" e das "ervas daninhas". Essa narrativa desenvolve o que podemos entender como uma cosmofobia sistêmica, uma desconexão forçada entre o ser humano e o cosmos.

Compreender essa desconexão é essencial para analisar as relações internacionais do Brasil, tanto no contexto colonial quanto no contemporâneo. No entanto, essa perspectiva encontra uma contraposição interessante no movimento Solarpunk, que propõe uma estética cosmocêntrica, buscando reestabelecer a conexão entre a experiência humana e os ciclos naturais e cósmicos.

A tensão entre a cosmofofia colonial e o cosmocentrismo resistente é crucial para entender não apenas as relações internacionais históricas do Brasil, mas também seus desdobramentos contemporâneos nas políticas ambientais, culturais e diplomáticas. Assim, o exemplo de Luz del Fuego, ao alinhar as reflexões de Geni e Bispo, pode ser visto como uma pesquisa contra-colonial, desafiando as narrativas dominantes e buscando reimaginar as interações entre os seres humanos e o cosmos. Neste quadro, o solarpunk é uma plataforma de ideias com um guia cosmocêntrica. Isto, pois, propõe um novo paradigma que valoriza a interconexão entre a humanidade e a natureza, sugerindo que a verdadeira felicidade e realização estão enraizadas em uma relação harmoniosa com o cosmos, em vez de serem definidas pelo consumo e pela alienação. Essa abordagem não apenas desafia as estruturas coloniais do passado, mas também oferece uma visão esperançosa para o futuro, onde a sustentabilidade e a diversidade cultural são celebradas e integradas nas práticas sociais e políticas.

No entanto, neste trabalho, essa narrativa serve como uma oportunidade para relembrar experiências posteriores de insurgência e ruptura do que é considerado possível e para aprender com seus desdobramentos. O Brasil, por sua vez, é uma região fértil para a análise de projetos de abordagens estéticas, como o Modernismo de 22, a Tropicália e a Arquitetura de Brasília, nem todos necessariamente emancipatórios. Lembrar da Ilha do Sol é ressaltar a importância de integrar essas experiências esquecidas na análise do poder, enriquecendo a compreensão sobre as diversas possibilidades de transformação do mundo.

### **3.2 Pensamento Solarpunk em Justaposição às Relações Internacionais do Realismo Político**

A conexão entre o solarpunk e as relações internacionais busca uma reinterpretação profunda de nossas noções sobre o mundo, sociedade e política. Essa abordagem propõe uma alternativa para solucionar conflitos coloniais, crises ambientais e violência sistêmica, exigindo novas reflexões sobre conceitos matrizes das RIs: natureza humana, poder e soberania.

Em uma análise sistemática de manifestos, destacam-se o otimismo radical e criação de plataforma para pluralidades políticas como os principais toques do solarpunk para a disciplina. No mesmo sentido, o movimento questiona as hierarquias tecno-ambientais, raciais e

geopolíticas estabelecidas. Em seu arcabouço teórico, o solarpunk encontra sustentação no anarquismo, nas vertentes do ambientalismo, na futurologia otimista e no coletivismo, em contraposição à individualidade, enfatizando a reconexão com saberes indígenas, tradicionais/locais.

Essa abordagem integra histórias alternativas, vivências regionais e diversas temporalidades, criando uma base sólida para uma análise crítica do sistema internacional vigente. O movimento caracteriza-se como inerentemente ascendente (*bottom-up*), reiterando a importância do local, das comunidades e dos indivíduos. O zeitgeist deste sentimento coletivo manifesta-se na relação entre o pequeno e as instituições de poder grandes e complexas, frequentemente distantes e abstratas, que impactam negativamente os modos de vida e as perspectivas de futuro — principalmente das gerações mais novas. Tal dinâmica encontra expressão poética em "VAI SER LIVRE", colaboração entre o rapper brasileiro FBC e o produtor francês Wealstarr (2023), que articula o limiar entre a frustração individual e o clamor por transformações sistêmicas.

Parem o capitalismo  
Isso me desaponta  
Todo stress eliminemos  
Sem exceção das contas  
Ter paciência é um dom  
Usá-la é outra questão  
Eu tenho uma opinião  
De quem se mata por dinheiro  
Pôs de lado o coração

Vai, se livre [...]

De tudo que te deixa triste  
Vai, se livre  
Principalmente o seu Twitter  
Vai, se livre!  
Acende um e  
Deixa que esse som tire  
O cansaço do seu corpo.  
(FBC; WEALSTARCKS, 2023).

É crucial destacar que diversas perspectivas teóricas das RIs ainda são negligenciadas, como livros empoeirados em uma estante de biblioteca que raramente são abertos. Enquanto o campo acadêmico foca no realismo político ocidental euro-americano e em sua obsessão pelo poder estatal e pelo conflito, tradições filosóficas alternativas, que poderiam enriquecer a discussão, ficam à margem. Essas tradições oferecem cosmovisões que priorizam a cooperação, a harmonia e o diálogo intercultural, trazendo uma visão mais ampla e inclusiva das interações internacionais. As contribuições anticoloniais de Kwame Nkrumah (1909-1972) e Cheikh Anta Diop (1923-1986) fornecem base crítica à rejeição Solarpunk do extrativismo industrial, enquanto a teoria da dependência de Fernando Henrique Cardoso (1931-) e Enzo Faletto (1935-

2003) elucida as estruturas de poder econômico contestadas pelo movimento. As análises feministas de J. Ann Tickner (1937-) e Cynthia Enloe (1938-) sobre poder e estruturas sociais convergem com os princípios Solarpunk de sociedades igualitárias e sustentáveis, complementadas pelas teorias pós-coloniais de Edward Said (1935-2003), Gayatri Chakravorty Spivak (1942-) e Homi K. Bhabha (1949-). Esta confluência teórica materializa-se na proposição Solarpunk de um futuro que integra tecnologia sustentável, descolonização e harmonia socioambiental, confrontando simultaneamente o colonialismo e o industrialismo predatório ocidental. A síntese destas perspectivas críticas resulta em uma reconfiguração das Relações Internacionais que privilegia a interconexão entre culturas, sustentabilidade ambiental e equidade social, sugerindo possibilidades concretas de futuros mais justos e sustentáveis. O movimento solarpunk estabelece uma interlocução teórica significativa com críticos das estruturas de poder globais hegemônicas.

A interseccionalidade da posição e da voz emerge como particularmente relevante para esta análise. No âmbito racial, as comunidades solarpunk estabeleceram-se como plataformas de diálogo horizontal entre o Sul e o Norte global, apoiando retomadas indígenas e perspectivas da diáspora negra. Notavelmente, estas comunidades engajam-se em discussões auto-reflexivas sobre branquitude, propondo caminhos de reabilitação para sociedades euro-americanas em direção a futuros não-opressivos, reconhecendo seu passado-presente quiriárquico, enquanto resgatam exemplos históricos de sociedades brancas com modos de vida não colonial-imperialistas.

### **3.3 Natureza Humana ou Parentesco**

A máxima “O lobo é lobo do homem”<sup>43</sup> tradicionalmente sugere uma natureza humana instintivamente destrutiva, particularmente em relação aos desconhecidos. Este axioma fundamental do pensamento realista político, enraizado na história e geografia europeia, americana e ocidental, e posteriormente exportado para outras sociedades, revela sociedades, países e estados formados a partir da ansiedade diante da necessidade de troca ou apoio mútuo. Tal perspectiva manifesta-se materialmente na construção de torres, muralhas e cercas por sociedades que lidam com o sublime de maneira ansiosa e agressiva.

---

<sup>43</sup> "Homo homini lupus est", frase atribuída a Plauto (254-184 a.C.) e popularizada por Thomas Hobbes em sua obra "Leviatã" (1651), que fundamenta a visão realista da natureza humana no pensamento político ocidental. Vale ressaltar que a figura do lobo-animal, da imagem é baseada em mitos sobre o comportamento de lobos.

O movimento solarpunk se apresenta como uma resposta ao desespero e à ansiedade gerados pelos horrores do mundo, questionando as visões pessimistas do realismo político sobre a capacidade humana.

Em bricolagem com pensamentos brasileiros ou territoriais ao que se chama Brasil, temos o já clássico pensador indígena Ailton Krenak que oferece uma contra-narrativa fundamental ao paradigma utilitarista-extrativista. Ao evidenciar sociedades que historicamente mantiveram relações não exploratórias com seu ambiente, Krenak (2019) demonstra que o gerenciamento predatório de recursos não constitui uma característica humana inerente, mas uma construção cultural específica. Este prisma alinha-se às reflexões cosmo-ontológicas da psicóloga e artista Castiel Vitorino Brasileiro (2022), que propõe a possibilidade de redefinir o "ser" além da mitologia da modernidade e sua taxonomia de tipos de pessoas.

Ailton Krenak e Vitorino convergem ao identificar a humanidade como um conceito excludente, que não apenas separa os humanos da natureza, mas também hierarquiza pessoas entre promotores do “progresso” e aqueles relegados à “sub-humanidade — toda vida que deliberadamente deixamos à margem”. Vitorino re-interpreta a sub-humanidade como espaço fértil para a construção de regimes estético-políticos alternativos. Neste tempo, o conceito de "envolvimento", proposto pelo mestre quilombola Nego Bispo (Da Silva, 2024), emerge como alternativa ao desenvolvimento da humanidade sobre a natureza.

O pensamento de Nego Bispo apresenta uma crítica fundamental ao conceito de desenvolvimento através da proposição do termo envolvimento, estabelecendo uma reflexão sobre as relações entre comunidades tradicionais e seus territórios. Conforme sua análise, o prefixo "des" presente em desenvolvimento representa uma negação das conexões orgânicas entre povos e seus espaços vitais, materializando-se em processos de expropriação territorial e degradação ambiental.

Em contraposição ao modelo desenvolvimentista, o envolvimento emerge como uma filosofia integrativa que reconhece e valoriza as relações ancestrais com a terra, os ciclos naturais e as práticas tradicionais de existência. Esta perspectiva estabelece um diálogo direto com o movimento solarpunk, convergindo em aspectos como a promoção de relações horizontais, tecnologias autônomas e reconexão com a natureza.

Os quilombos exemplificam a materialização prática destes conceitos, constituindo-se como espaços de resistência onde o envolvimento se manifesta através da autogestão territorial e preservação de saberes tradicionais. A síntese entre o envolvimento proposto por Nego Bispo e a visão solarpunk oferece caminhos para a construção de futuros que integram ancestralidade e inovação, superando a aparente dicotomia entre tradição e progresso (Santos, 2015; 2018).

Em uma inversão poética da máxima do lobo, Krenak estabelece o rio que atravessa a terra krenak em Pernambuco como um parente. Este olhar sugere que a natureza humana não é uma analogia mecânica a uma realidade constatada, mas um constructo que permite outras possibilidades de envolvimento com outros tipos de gente (gente planta, gente bicho, gente encantado e gente rio) mantendo um diálogo contínuo.

Este pensamento, próprio do território brasileiro, encontra ressonância com a ênfase solarpunk na necessidade de um novo entendimento sobre nossos lugares no mundo, tanto de convivência quanto de produção. Adam Flynn estabelece conexões com a Hipótese de Margulis e a teoria Gaia de Lovelock<sup>44</sup>, bem como com a ecoficção da década de 1970. Este entendimento ancestral dialoga com o ideal jeffersoniano do agricultor yeoman<sup>45</sup> e os princípios do decrescimento. Obras como “Princesa Mononoke”<sup>46</sup> de Hayao Miyazaki servem como narrativas poderosas que ilustram a tensão entre progresso e preservação. A proposta solarpunk para o dilema da natureza humana e a subsequente construção de tratados sociais diferencia-se do cânone histórico ao rejeitar a dicotomia natureza-humano, afirmando uma aproximação e repensando nosso horizonte de vida em correlação constante com a natureza.

Em suma, nesta reimaginação, Sir Gawain e o Cavaleiro Verde<sup>47</sup> tornam-se amigos, não antagonistas. A fundamentação da necessidade de organização social não emerge da ansiedade temerosa diante da natureza ou do outro, mas da necessidade de agrupamento, da economia de troca e do coletivismo como partilha, inclusive do próprio sentido de ser. O conceito de parentesco apresentado por Ailton oferece um fundamento para reformular o quiriarcado em direção a uma civilidade emancipatória.

### 3.4 Poder ou Partilha

Enquanto as crises globais contemporâneas expõem as limitações das estruturas convencionais de poder, as reflexões de Byung-Chul Han (2016), filósofo sul-coreano radicado no Canadá, oferecem uma plataforma explicativa para compreendermos e reimaginarmos as dinâmicas de

---

<sup>44</sup> A hipótese de Margulis, proposta pela bióloga Lynn Margulis, sugere que a evolução das espécies é fortemente influenciada por simbioses entre organismos, desafiando a visão tradicional da seleção natural. A teoria Gaia, desenvolvida por James Lovelock, complementa essa ideia ao apresentar a Terra como um sistema autorregulador, onde os organismos interagem com seu ambiente de maneira a manter condições favoráveis à vida. Ambas as teorias enfatizam a interconexão entre os seres vivos e o planeta, sugerindo que a vida e o ambiente se coevoluem de forma dinâmica.

<sup>45</sup> Refere-se à visão de Thomas Jefferson sobre a importância da agricultura e do agricultor independente como pilares da democracia e da virtude cívica. Jefferson acreditava que os agricultores, como proprietários de suas terras, eram mais propensos a serem cidadãos responsáveis e a defender a liberdade e a igualdade. Esse ideal enfatiza a conexão entre a terra, a autossuficiência e a participação ativa na vida política.

<sup>46</sup> “Princesa Mononoke” (1997) explora o conflito entre desenvolvimento industrial e preservação ambiental através de uma narrativa mítica japonesa.

<sup>47</sup> Sir Gawain e o Cavaleiro Verde, traduzido antes como Dom Galvão e Cavaleiro Verde, poema medieval inglês do século XIV que representa o embate entre civilização e natureza.



poder em nossas sociedades. Han propõe uma compreensão do poder como “conceito móvel”, caracterizado por sua capacidade de transformação através do deslocamento de seus elementos internos. Esta abordagem transcende o entendimento tradicional do poder como mera imposição de obediência ou coerção, avançando para uma perspectiva mais fluida e relacional que demanda análises específicas e adaptativas ao seu contexto.

Nesta imagem, o poder é o líquido dentro de uma cabaça, banhando diferentes elementos. Este conceito encontra ressonância direta na matriz crítica do solarpunk, particularmente através da proposta de superação das narrativas da catástrofe - tradicionalmente utilizadas para justificar estruturas de poder - em favor da fundamentação de novos lugares de possibilidade. Para cada contexto, uma cabaça.

A diversidade teórica emergente desta perspectiva necessita uma bricolagem criteriosa de experiências emancipatórias, sempre respeitando seus contextos específicos, por exemplo: movimentos de autonomia territorial e política, como o zapatismo, o Movimento Sem Terra no Brasil, o movimento de autodeterminação da Palestina e a autonomia basca. Também abrange transformações epistemológicas e culturais, representadas pelo feminismo interseccional e o black power. Assim como contempla reorganizações econômicas e sociais, como demonstrado pelo movimento de economia solidária e o resgate da Europa medieval ou pré-medieval.

O avanço ético do solarpunk nessa bricolagem reside na fundamentação de uma intenção propositiva e emancipadora. Exemplos temos ao monte. Um mais chamativo é o tratado de ordem amorosa de bell hooks (2021), que emerge como uma tentativa exemplar de reimaginar as relações de poder através do amor como prática política ativa. Esta perspectiva encontra eco na profunda observação do pensador e ativista negro estadunidense Martin Luther King (Keller, 2018):

*“Poder sem amor é imprudente e abusivo, e amor sem poder é sentimental e anêmico”.*

Martin Luther King Jr.

No Brasil, de história cicatrizada por resistências e reinvenções das relações de poder, encontramos um laboratório vivo de práticas que dialogam profundamente com as aspirações do movimento solarpunk. Povos indígenas, comunidades quilombolas, grupos ribeirinhos e comunidades pesqueiras não apenas desenvolveram, mas ativamente mantêm práticas de poder que desafiam a lógica colonial dominante — sendo estas capazes de reflorestar mentes e aldear a política (De Avellar Mascarello, 2023). Estes modelos alternativos de organização social e

política priorizam a partilha sobre a concentração de poder, oferecendo lições valiosas para a reimaginação das estruturas sociais contemporâneas.

A sabedoria popular brasileira encontra um axioma singular nas palavras do rapper Emicida (2020): “Viver é partir, voltar e repartir”. Esta tríade sugere um ciclo contínuo de transformação e compartilhamento que ressoa com as propostas mais amplas do pensamento solarpunk sobre poder e organização social.

Em fundamentos paralelos, mas parecidos, o filósofo eco-anarquista Murray Bookchin planeja uma ecologia social e urbanismo que dão materialidade aos princípios de partilha e amor-poder. Bookchin defende a construção de uma sociedade sem hierarquias, classes ou conceitos de domínio sobre a natureza, fortalecendo-se ao recuperar os fundamentos do eco-anarquismo do pensador mutualista Piotr Aleksêievitch Kropotkin e os ideais iluministas de razão, liberdade e a força emancipadora do conhecimento.

Na ausência de perfeição, reconhece-se que os conflitos são inevitáveis em nossas relações com outros seres humanos e com o planeta. No entanto, através de uma política do poder-partilha e da visão de parentesco, emergem caminhos para uma plataforma de resolução em vez de perpetuação destes conflitos. A paz, tema constante das RIs, transcende a mera ausência de violência, demandando uma ação política amorosa e consciente. A história do poder é, essencialmente, a história da legitimidade do possível, e a solução para as crises atuais reside na compaixão e na redistribuição da agência.

Na prática, o poder no solarpunk manifesta-se através de processos descentralizados de tomada de decisão, iniciativas de sustentabilidade lideradas pela comunidade e gestão coletiva de recursos. O movimento adota uma visão otimista da humanidade que, mesmo reconhecendo nossas limitações, celebra nosso potencial para compaixão, criatividade e crescimento coletivo. A ação concreta envolve o desmantelamento da quiriarquia e a manutenção de novas formas de organização social mais horizontais e colaborativas.

Assim, o poder no contexto solarpunk não se resume a estruturas hierárquicas tradicionais, mas se expande para incluir o aprendizado contínuo, a adaptação e o apoio mútuo. Esta compreensão mais ampla e fluida do poder oferece um caminho promissor para enfrentar os desafios contemporâneos de forma mais equitativa e sustentável.

Ao longo do tempo, nossa compreensão do poder na história tem se transformado significativamente. Enquanto historiadores tradicionalistas como G.R. Elton defendiam uma visão simplificada, focada apenas em figuras políticas e eventos observáveis, pensadores posteriores expandiram essa perspectiva consideravelmente.

O trabalho seminal do teórico político e social britânico, Steven Lukes, que em 1974 delineou três dimensões distintas do poder. A visão unidimensional foca na tomada de decisão direta em

situações de conflito. A perspectiva bidimensional adiciona o controle sobre a agenda política, reconhecendo conflitos ocultos e a importância da "não-decisão". Por fim, a visão tridimensional ou "radical" considera o poder como um efeito das coletividades, manifestado através de comportamentos socialmente estruturados e culturalmente padronizados.

A discussão sobre poder ganha novos contornos na obra contemporânea “The Birth of Urana Remix”. Nesta narrativa distópica, Jota Mombaça cria uma protagonista que desafia estruturas coloniais através de uma conexão profunda com a terra. A história transcende a ficção, tornando-se uma contra-imagem de poder sobre como podemos reimaginar nossa relação com o corpo, o gênero e o ambiente natural, desafiando as limitações impostas por sistemas binários mono-tradicionais.

### **3.5 Soberania e Pluralidade**

Imagine uma estrutura política onde o poder flui de baixo para cima, começando nas comunidades locais e expandindo-se em círculos concêntricos de organização cada vez mais amplos. Como se daria o conceito realista político de soberania neste cenário?

A soberania é a ponta da pirâmide de toda construção humana criticada neste capítulo. Ponta tanto por ser a última etapa quanto por ser pontuda e ser um conceito bélico e cercado por penetrações. Em discussão acompanhada por esta pesquisa, demarcadas principalmente por pessoas do norte global foram encontradas quatro visões propositivas de organização e governança, indicadas populares fundamentais: anarquismo, comunalismo, confederalismo democrático e uma mista de todas respeitando o princípio de especificidade.

No coração destes sistemas está a Comuna, a unidade básica de organização social. Pense nela como uma versão moderna das antigas cidades-estado gregas, onde cada cidadão tinha voz ativa nas decisões. Nas Comunas Solarpunk, as assembleias de cidadãos funcionam como o principal espaço de tomada de decisão, substituindo a tradicional hierarquia vertical por um processo horizontal de deliberação coletiva.

A estrutura política se organiza em camadas interconectadas, como um ecossistema natural. No nível mais básico, temos as assembleias de bairro, onde os moradores decidem sobre questões locais que afetam diretamente suas vidas. No próximo nível, encontramos as assembleias regionais, compostas por representantes escolhidos localmente. No topo, existe um governo central com poderes bastante limitados, focado apenas em questões que realmente exigem coordenação nacional, como defesa, saúde pública e relações internacionais.

Para evitar a concentração de poder, o modelo solarpunk estabelece várias salvaguardas institucionais. Os mandatos públicos são limitados a 6-8 anos, impedindo a cristalização de elites políticas. A acumulação de riqueza também é controlada, com limites claros para propriedade familiar e mecanismos de redistribuição do excesso de riqueza, similar ao que encontramos em algumas sociedades tradicionais que praticavam o *potlatch*<sup>48</sup> ou festivais de redistribuição.

O sistema também inova na questão da responsabilidade pública. Administradores que violam as regras estabelecidas podem ser responsabilizados não apenas individualmente, mas também coletivamente. Este princípio se inspira em práticas ancestrais de governança comunitária, onde a responsabilidade era vista como um compromisso compartilhado. Uma das características mais interessantes do modelo é sua abordagem à ética pública. Os representantes devem seguir um código de conduta ascético, similar aos antigos servidores públicos confucianos. Lobbies corporativos são proibidos, e todos os contratos públicos devem ser transparentes e acessíveis a qualquer cidadão, criando um ambiente de governança verdadeiramente aberto.

Naturalmente, este modelo enfrenta desafios significativos. Como coordenar decisões complexas em larga escala? Como evitar que antigas dinâmicas de poder se reproduzam sob novas formas? São questões que o modelo Solarpunk reconhece e aborda não como obstáculos intransponíveis, mas como oportunidades de aprendizado e adaptação contínua.

O que torna o modelo Solarpunk particularmente interessante é sua flexibilidade. Não se trata de um modelo cartesiano rígido, mas de um conjunto de princípios adaptáveis às diferentes realidades culturais e sociais. É como um sistema operacional de código aberto para a governança social, que pode ser modificado e aperfeiçoado pela própria comunidade que o utiliza. Em essência, o modelo Solarpunk nos convida a reimaginar a governança não como um sistema de controle e anseio ao incontrolável, mas como um processo vivo de colaboração comunitária, onde as dignidades individuais e coletivas são preservadas através da participação ativa e consciente de todos os membros da sociedade

Na América do Sul, estados plurinacionais emergiram, nos últimos anos, como uma resposta crítica à hegemonia do norte global, reimaginando a organização política através de uma lente sulista de pluralismo e soberania. Diferentemente do Estado Pluricultural, que meramente reconhece a diversidade cultural dentro de uma estrutura nacional uniforme, o modelo

---

<sup>48</sup> Festividade de doação de presentes realizada pelos povos indígenas da costa noroeste do Pacífico, no Canadá e nos Estados Unidos. Essa prática é tradicionalmente considerada a principal instituição governamental, legislativa e econômica entre essas comunidades. Entre os grupos que praticam o potlatch estão os Heiltsuk, Haida, Nuxalk, Tlingit, Makah, Tsimshian, Nuuchah-nulth, Kwakwaka'wakw e Coast Salish.

plurinacional representa uma transformação radical: ele garante direitos substantivos às múltiplas nações que coabitam um mesmo território.

Esta abordagem transcende o simples reconhecimento - ela redefine fundamentalmente as relações de poder, oferecendo um caminho para a justiça social que celebra a diferença sem subordiná-la. Nas Américas, onde a complexidade cultural é um tecido vivo e dinâmico, o Estado Plurinacional não é apenas um conceito teórico, mas uma necessidade prática para enfrentar a histórica crise do indigenato.

Ao adotar essa perspectiva, não estamos apenas desafiando estruturas políticas tradicionais, mas construindo uma democracia verdadeiramente polifônica - um espaço onde múltiplas identidades não apenas coexistem, mas se fortalecem mutuamente. É um projeto de esperança, resistência e reinvenção de cicatrizes coletivas.

Exemplos práticos ajudam a entender essa diferença. Enquanto países como Canadá, China e Suíça adotam um modelo pluricultural, reconhecendo a diversidade, mas mantendo uma única identidade nacional dominante, Equador e Bolívia abraçaram o plurinacionalismo. Suas constituições garantem não apenas o reconhecimento, mas direitos concretos de autodeterminação e gestão territorial para povos indígenas e outras comunidades tradicionais. O Brasil, com 1,7 milhão de cidadãos indígenas e mais de 400 etnias por todo território (Censo 2022; 2023), enfrenta um debate crucial sobre plurinacionalismo. Inspirado pelos modelos do Chile e da Bolívia, o país busca equilibrar as demandas por reconhecimento e autonomia com as limitações constitucionais existentes. Este debate vai além de questões legais, tocando em preocupações sobre unidade nacional e inclusão social (Rodegheri, 2014; Chaires et al, 2021; Santana, 2021, De Carvalho, 2022).

Um exemplo concreto do impacto do plurinacionalismo pode ser visto no Equador, onde em 2020 a Corte Constitucional reconheceu a autoridade da justiça indígena em um caso envolvendo a comunidade kichwa “Unión Venecia” (Romero Pérez, 2021; Santana, 2021). Esta decisão demonstra como o plurinacionalismo pode funcionar na prática, respeitando sistemas jurídicos tradicionais enquanto mantém a coesão do Estado.

O plurinacionalismo representa assim não apenas uma mudança administrativa, mas uma transformação profunda na forma como pensamos identidade, poder e pertencimento na sociedade moderna. É uma proposta que busca criar um equilíbrio entre unidade nacional e diversidade cultural, oferecendo um caminho para sociedades mais justas e inclusivas.

A proposição de outras soberanias e poder se enriquece com as ideias de hooks: não é suficiente transformar estruturas se não tocarmos os corações. A criação de comunidades amorosas se torna um laboratório essencial, onde novas formas de poder podem ser testadas e cultivadas.

Esse poder, alicerçado no amor e no cuidado mútuo, não se baseia na dominação, mas na habilidade de estabelecer conexões significativas e nutrir relações regenerativas.

## **CONCLUSÃO: POR UMA PROPOSTA DE ESPERANÇA**

Ao longo desta investigação, tornou-se evidente que o potencial do solarpunk reside em sua recusa fundamental em aceitar as premissas do pessimismo político-estético que domina o debate público e ciências contemporâneas. Sua contribuição fundamental reside na capacidade de ensinar o desafiar de regimes estabelecidos pela quiriarquia, propondo uma metodologia transformadora fundamentada em dois eixos conceituais: mutualismo comunitário harmônico e uso de tecnologia sustentável.

O movimento se distingue por não apenas criticar estruturas existentes, mas por construir ativamente alternativas baseadas em um otimismo radical. Essa perspectiva não representa ingenuidade, mas uma estratégia consciente de ruptura com ciclos do mimético de reprodução de violências sistêmicas. Ao questionar as dinâmicas do quiriarcado mundial, o movimento propõe uma reimaginação estética política que ultrapassa as limitações pessimista do realismo político que permeia as relações internacionais.

Particularmente relevante é sua abordagem contra-colonial e anti-racista. O movimento não se limita a denunciar hierarquias raciais, mas trabalha ativamente a partir de uma plataforma de horizontalidade entre Sul e Norte global. Essa estratégia envolve um questionamento profundo das estruturas de poder colonial, especialmente da branquitude, e promove narrativas, tecnologias, histórias e saberes indígenas, tradicionais/locais.

A arquitetura conceitual do movimento opera simultaneamente como movimento estético e político, reconhecendo que a transformação social demanda não apenas mudanças estruturais, mas uma reconfiguração dos modos de percepção e imaginação. A esperança é compreendida não como estado passivo, mas como prática política coletiva que requer cultivo e sustentação contínuos.

Diferentemente de propostas universalistas, o solarpunk se apresenta como uma abordagem pluralista, contextual e adaptável, reconhecendo as especificidades de cada região e situação. Sua metodologia convida a um engajamento crítico e contínuo com as complexidades do mundo contemporâneo, mantendo sempre a possibilidade de transformação radical.

Como guia para repensar as relações internacionais, Parentesco sobressai a racionalização compulsória do ser humano como disparidade em relação a outros organismos. Como inúmeros pensadores e comunidades já disseram, entender o cosmo, natureza, flora, fauna, minério e ademais elementos como secantes de vida, nos ensina a valorizar a evolução — no sentido do envolvimento enquanto uma cooperação, o que se traduz a como as pessoas imaginam, criam e solidificam as sociedades e tratados sociais a qual imaginam importar.

A questão da matriz de visão de mundo importa tanto que não se pode pensar poder sem amor, em uma palavra menos carregada, sem partilha. Neste sentido a ética maquiavélica é reinterpretada para uma sociedade que compreende que o “quem divide o que tem é que vive pra sempre” (Emicida; Zeca Pagodinho; Tokyo Sky Paradise Orchestra, 2019). A civilização se fundamenta na partilha e não no medo ao sublime e ao estrangeiro — o que motiva a existência da ideia de soberania. Em outros fundamentos filosóficos, pensadores anarquista e indígenas nos dão exemplos de outros modos de vida, ensina que o poder também existe como um limitante do que é legitimamente possível.

Por fim, o movimento representa um convite à ação política baseada em esperança radical, demonstrando que é possível e necessário combinar crítica sistêmica com imaginação transformadora, teoria rigorosa com construção ativa de futuros alternativos. O movimento demonstra que é possível imaginar e construir sociedades ocidentais ou ocidentalizadas não-opressivas, desde que estas se engajem seriamente com seu passado-presente colonial e assumam responsabilidade pela transformação sistêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: **Autonomia Literária, Elefante**, 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.
- AESTHETIC WIKI. Cottagecore. **Fandom**, 2025. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Cottagecore>. Acesso em: 27 out. 2023.
- AGÊNCIA BRASIL. **Poluição do ar em Brasília cresceu 350 vezes durante incêndio**, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-09/poluicao-do-ar-em-brasilia-cresceu-350-vezes-durante-incendio>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- ÁFRICA NAS ARTES, A. "As Facas para uma Travessia" – Entrevista com Jota Mombaca. 2018. Disponível em: <https://africanasartes.wordpress.com/2018/10/04/as-facas-para-uma-travessia-entrevista-com-jota-mombaca/>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- ALVES et al. **Luz Del Fuego: História, Poder e Política**. **Revista Historiador**, 2016. Disponível em <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- ANI, Marimba. Yurugu: an African-centred critique of European cultural thinking and behaviour. **Trenton**: Africa Word Press, 1994.
- BA, S.; SHEN, T. Sub-aesthetics: Consumption traps and avoidance strategies of livestreamed eating shows in the metaverse. **Metaverse**, v. 3, n. 2, p. 10, 2022.
- BARNABE, I. R. O Estudo das Relações Internacionais na América Latina: teorias em xeque? **Revista Contextualizaciones Latinoamericanas**, ano 2, n. 2, jan.-jun. 2010.
- BARNOUW, Erik. Documentary: A History of Non-Fiction Film. **Oxford University Press**, 1993.
- BASTÍAS, Carolina; HAYDEN, Consuelo. De Charaña a la Haya: Chile, entre a aspiração marítima de Bolívia e a demanda marítima de Peru. **Estudios Internacionales**, n. 163, 30 jun. 2011.
- BATALHA, Marco Antônio. O cerrado não é um bioma. **Biota Neotropica**, v. 11, p. 21-24, 2011.
- BEDIN, G. A. O Realismo Político e as Relações Internacionais: algumas reflexões sobre o Paradigma Tradicional das Relações Internacionais. **Paradigmas das Relações Internacionais**. **Ijuí: Unijuí**, 2000.
- BETHKE, Bruce. Cyberpunk - a short story by Bruce Bethke (2007 [1977]), **Infinity Plus**. Disponível em: <https://www.infinityplus.co.uk/stories/cpunk.htm>. Acesso em: 06 dez. 2024



BLEIKER, Roland. The Aesthetic Turn in International Political Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, vol. 30, n. 3, p. 509-533, 2001.

BOBER, Sergiusz. Sovereignty and multiculturalism/plurinationalism in the Indian and Nigerian federal systems of government. **Horyzonty Polityki**, v. 7, n. 18, p. 125-144, 2016.

BOECHAT, G. **Brasília amanhece coberta por fumaça após incêndio no Parque Nacional**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-amanhece-coberta-por-fumaca-apos-incendio-no-parque-nacional/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BROWN, Kevin. Protopia: A New Vision for the Future. **Journal of Future Studies**, v. 22, n. 3, p. 45-58, 2018.

BOOKCHIN, Murray. The communalist project. **International Journal for a Rational Society**, v. 2, nov. 2002. Disponível em: <http://new-compass.net/articles/communalist-project>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BUTLER, Octavia. A parábola do semeador. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: **Editora Morro Branco**, 2018 [1993].

G1. **Cybertruck: como é o carro quase “inquebrável” de Elon Musk que começou a ser vendido nos EUA**. Disponível em: <https://g1.globo.com/inovacao/noticia/2023/12/02/cybertruck-como-e-o-carro-quase-inquebravel-de-elon-musk-que-comecou-a-ser-vendido-nos-eua.ghtml> . Acesso em: 16 dez. 2024.

CANDELARIO, C. **Here's Why The “Clean Girl Aesthetic” on TikTok Is Problematic**. Disponível em: <https://www.purewow.com/beauty/clean-girl-aesthetic-tiktok-trend>. Acesso em: 06 dez. 2024

CAPOSSA, Romão. Algumas consequências da Conferência de Berlim (1884-1885) para a atual África. **Identidade!**, v. 7, n. 7, p. 10-18, 2005.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. Dependência e desenvolvimento na América Latina. **Editora Paz e Terra**, 1970.

CARRASCO, David. Quetzalcoatl and the Irony of Empire: Myths and Prophecies in the Aztec Tradition. Chicago: **University of Chicago Press**, 2012.

CARR, E. H. Vinte Anos de Crise: 1919-1939. Brasília: **Editora da UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, 2001.

CARRERAS, Francesc. **Nación y nacionalidad en la Constitución Española: Posibles consecuencias jurídicas derivadas dan utilização de ambos os termos**. [s.l.], 2005.

CENCIC, Gabriel Rosa. **O Manifesto Solarpunk**. GitHub, 2021. Disponível em: <https://github.com/solarpunkbr/manifesto/blob/main/README.md>. Acesso em: 06 dez. 2024

CENSO 2022, **Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal**, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

CHAIRES, Jorge et al. Plurinacionalismo, pluriculturalidad y federalismo en México. **Universidad de Guadalajara**. 2021.

CIELLO, F. J. Byung-Chul Han e a antropologia do poder: Aportes reflexivos. **Anuário Antropológico**, v. v.49 n.2, 1 jan. 2024.

CONAIE. **SOBRE LAS ÚLTIMAS LEYES APROBADAS QUE AFECTAN A LA CLASE TRABAJADORA Y AL PAÍS**. Disponível em: <https://conaie.org/2020/05/16/sobre-las-ultimas-leyes-aprobadas-que-afectan-a-la-clase-trabajadora-y-al-pais/>. Acesso em: 26 de maio de 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Manual – Resolução 287/2019 – procedimentos relativos a pessoas indígenas acusadas, réis, condenadas ou privadas de liberdade. Orientações a Tribunais e Magistrados para cumprimento da Resolução 287/2019 do Conselho Nacional de Justiça**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/Manual-Resolu%C3%A7%C3%A3o-287-2019-CNJ.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

CORTE CONSTITUCIONAL DEL ECUADOR. **Sentencia. No. 134-13-EP/20**. Disponível em: <http://portal.corteconstitucional.gob.ec:8494/FichaRelatoria.aspx?numdocumento=134-13-EP/20>. Acesso em: 29 de setembro de 2020

CRUM, M. **A Dystopian Novelist Predicted Trump’s Campaign Slogan In The ’90s**. 2016. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/octavia-butler-predicted-make-america-great-again\\_n\\_5776d9dce4b0416464100242](https://www.huffpost.com/entry/octavia-butler-predicted-make-america-great-again_n_5776d9dce4b0416464100242)>. Acesso em: 14 fev. 2025.

DA ROCHA JÚNIOR, Roosevelt Araújo. História da Guerra do Peloponeso. **Letras Clássicas**, n. 4, p. 371-374, 2000.

DA SILVA, Aline Gabrielle Ribeiro; MARREIRO, Mateus Venceslau. Ecologia e ontologia quilombola e o contracolonialismo de Nêgo Bispo. **Revista Inter-Legere**, v. 7, n. 41, p. c38492-c38492, 2024.

DE ALMEIDA, Cássio Cunha. O pluralismo jurídico e suas limitações. **Publicações da Escola da AGU**, Brasília, v. 11, n. 01, p. 1-276, jan./mar. 2019.

**DE AVELLAR MASCARELLO, Marcela et al.** ‘Aldear a política’ e ‘reflorestar mentes’: a importância simbólica e material da eleição de mulheres indígenas no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**. 2023.

- DE BRIGARD, Emilie. The History of Ethnographic Film. In: HOCKINGS, Paul (ed.). Principles of Visual Anthropology. Berlin and New York City: **Mouton de Gruyter**, 1995.
- DE CARVALHO, Marcos Bernardino. **Plurinacionalismo, bien vivir e movimentos decoloniais**. 2022.
- DE SOBRAL GOMES, Amanda Maria. **AESTHETICS GIRLS: uma abordagem interseccional nas culturas juvenis contemporâneas através do Pinterest**. 2024.
- DEL PINO, Juan. **Las sublevaciones indígenas de Huanta**. [S.l.: s.n.], 1955.
- DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs.). Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: **Fundação Rosa Luxemburgo**, 2016.
- DIOP, C. A. Civilization or barbarism: an authentic anthropology. **Lawrence Hill Books**, 1981.
- DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora, 2023.
- DRENTEN, Jenna; GURRIERI, Lauren; TYLER, Meagan. Sexualized labour in digital culture: Instagram influencers, porn chic and the monetization of attention. **Gender, Work & Organization**, v. 27, n. 1, p. 41-66, 2020.
- DUNCAN, Dean W. Nanook of the North. **Criterion**, 11 jan. 1999.
- ELLER, Kaaryn. **LOVE, JUSTICE, AND POWER IN THE TEACHING, PREACHING, AND THINKING OF THE REV. DR. MARTIN LUTHER KING, JR.** 2018.
- ENLOE, C. Bananas, beaches and bases: making feminist sense of international politics. **University of California Press**, 1990.
- EMICIDA; GIL, Gilberto. É Tudo Pra Ontem. (**Laboratório Fantasma., Ed.**)**Sony Music Entertainment Brasil, 10 dez. 2020**. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1FpjfHwVh1ziha91Ng2o4P>. Acesso em: 25 jan. 2025
- EMICIDA; ZECA PAGODINHO; TOKYO SKA PARADISE ORCHESTRA. Quem Tem Um Amigo (Tem Tudo). (**Laboratório Fantasma., Ed.**)**Sony Music Entertainment Brasil, 30 out. 2019**. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4yEBOuDHhrFeGXyXNJ3C4y>. Acesso em: 25 jan. 2025
- EMILIE DE BRIGARD. The History of Ethnographic Film. In: HOCKINGS, Paul (ed.). Principles of Visual Anthropology. Berlin and New York City: **Mouton de Gruyter**, 1995. p. 13–43.
- ESTADÃO. **Fumaça de queimadas no Pantanal se desloca para Argentina, Peru e Uruguai**. Disponível em: <https://exame.com/brasil/fumaca-de-queimadas-no-pantanal-se->

desloca-para-argentina-peru-e-uruguai/#:~:text=Chuva%20t%C3%B3xica,%E2%80%9D%2C%20composta%20por%20subst%C3%A2ncias%20t%C3%B3xicas.. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

FBC, WEALSTARCKS. VAI SER LIVRE. **LOCO Records**, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/7iwxTQMcbSiX6ZxRMH7AIq?si=nKA8bXiGTDCXPnSN60eZJg>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. Autonomia Literária, 2020.

FLAHERTY, Robert J. How I filmed "Nanook of the North": adventures with the Eskimos to get pictures of their home life and their battles with nature to get food. **The World's Work: A History of Our Time**, v. XLIV, 1922, p. 553-560.

FLYNN, Adam. Solarpunk: Notes toward a manifesto. **Project Hieroglyph**, 2014. Disponível em: <https://hieroglyph.asu.edu/2014/09/solarpunk-notes-toward-a-manifesto/>. Acesso em: 06 dez. 2024.

FRELLER, Felipe; NICOLETE, Roberta Soromenho. **Robespierre, uma biografia da Revolução Francesa**. 2020.

GILPIN, Robert. The Richness of the Tradition of Political Realism. **International Organization**, v. 38, n. 2, 1984, p. 287-304.

GOPAL, N. R. The Arthashastra as a Text of Pragmatic Realism: A Literary-Theoretical Examination of Power, Ethics, and Rhetoric. **Educational Research (IJMCER)**, v. 6, n. 6, p. 07-11, 2024.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Por que os indígenas são a chave para proteger a biodiversidade planetária. **El País**. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/07/politica/1557255028\\_978632.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/07/politica/1557255028_978632.html). Acesso em: 29 de setembro de 2020.

GUILLAUME DELOISON. LECTURE #3.1 : Qu'est-ce que l'écologie sociale ? - Murray **Bookchin**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dknigtDdbTg>. Acesso em: 25 jan. 2025.

HAYWARD, Keith; MARUNA, Shadd; MOONEY, Jayne. Fifty key thinkers in criminology. **Routledge**, 2009.

HAMILTON, John. Science fiction. Edina, **Minn.: ABDO**, 2009. p. 8–9.

HAN, Byung-Chul. A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje. **Editora Vozes**, 2022.

- HAN, Byung-Chul. Sobre el poder. **Herder Editorial**, 2016.
- HEIDEL, Alexander. The Gilgamesh Epic and The Old Testament Parallels. Chicago: **The University of Chicago**, 1946.
- HERZ, Mônica. Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria. **Dados**, v. 40, n. 2, Rio de Janeiro, 1997.
- HILBURN, K. **Incêndios florestais e queimadas podem criar seu próprio clima, incluindo tempestades e “tornados de fogo”**. Disponível em: <https://theconversation.com/incendios-florestais-e-queimadas-podem-criar-seu-proprio-clima-incluindo-tempestades-e-tornados-de-fogo-238755>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- HOBBS, Thomas, Leviatã, Edwin Curley (ed.), Indianápolis: **Hackett**. 1994 [1660].
- HOOKS, Bell; BRENDA, Tadeu. Tudo sobre o Amor; Novas Perspectivas. **Editora Elefante**, 2021.
- HOLLAND, A. **Solarpunk Stories**. Disponível em: <https://www.solarpunkstories.com/blog/what-is-solarpunk-one-thing-or-many>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- HONEY, Ryan et al. **Alegria**. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/66231245/Alegria>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Arquitetura da Destruição. **História das Artes**, 2024. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/filmes/arquitetura-da-destruicao/>. Acesso em 10 nov.2024.
- INDEPENDENT ONLINE EDITION. **The birth of punk**. 2026. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060427073129/http://enjoyment.independent.co.uk/music/features/article324977.ece>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- JENSEN, Jakob Linnaa. Digital Feudalism. In: The Medieval Internet: Power, Politics and Participation in the Digital Age. **Emerald Publishing Limited**, 2020. p. 95-109.
- JHA, Meeta. The global beauty industry: Colorism, racism, and the national body. **Routledge**, 2015.
- KELLER, J. **Tesla's Cybertruck Goes, Inevitably, to War**. Disponível em: <https://www.wired.com/story/tesla-cybertruck-russia-ukraine-war/> . Acesso em: 16 dez. 2024.
- KNOW YOUR MEME. **Corporate Art Style. (Corporate Art Style | Know Your Meme)**. 2022. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/subcultures/corporate-art-style>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2020.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: **Companhia das**

**Letras**, 2019.

LAFAYE, Jacques. *Quetzalcoatl and Guadalupe: The Formation of Mexican National Consciousness, 1531-1813*. Chicago: **University of Chicago Press**, 2008.

LATOCHE, Serge. *O crescimento: uma crítica ao crescimento econômico*. São Paulo: **Editora 34**, 2009.

LEE, Jongsoo. Transformación Colonial del Pasado Prehispánico: Quetzalcoatl, The Epic of American Civilization de José Clemente Orozco y Terra Nostra de Carlos Fuentes. **Asian Journal of Latin American Studies**, v. 28, n. 2. 2015. p. 37-62

LIMA, Maria Regina Soares de. Ejes analíticos y conflicto de paradigmas en la política exterior brasileña. **América Latina/Internacional, outono-inverno v. 1, n. 2**, p. 27-46. 1994.

LIMA, Maria Regina Soares de. Instituições Democráticas e Política Exterior. **Contexto Internacional**, v. 22, n. 2, jul.-dez. 2000, p. 265-303.

LOEBENS, Guenter Francisco; NEVES, Lino João de Oliveira (Orgs.). *Povos indígenas isolados na Amazônia: a luta pela sobrevivência*. Manaus: **EDUA**, 2011. Pág. 41-47.

LUKES, Steven. *Power: a radical view* 2. ed. New York: **Palgrave-MacMillan**, 2005, p 99-100.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: **Cultrix**, 2000 [1532].

MARQUIS-MANICOM, Jay. *From the red pill to 'white genocide': an ethnography of the alt-right in Montreal*. Montreal: **Concordia University**, 2019.

MATHEUS, C.; OLIVEIRA, L. 190 - caso p. diddy, condenação de divulgadoras foi suspensa, óculos ar da meta e cybertruck na guerra. **Mimimídias**, 2024. Disponível em: <https://podtail.com/podcast/mimimidias/190-caso-p-diddy-condenacao-de-divulgadoras-foi-su/>. Acesso em: 16 dez. 2024

MCGRATH, Meadhbh. *Back to nature: why cottagecore is the perfect escapism*. **Irish Independent**, 2020.

MINISTÉRIO DA CULTURA; BANCO DO BRASIL. *Natureza Urbana*. Curadoria: Mila Kotka e Nina Coimbra. Brasília: **Centro Cultural Banco do Brasil**, 2024.

MIYAMOTO, S. *O Ideário da Paz em um Mundo Conflituoso*. In: **BEDIN, G. A. Paradigmas das Relações Internacionais**. Ijuí: **Unijuí**, 2000.

MOLLISON, Bill. *Permaculture: a designer's manual*. Tyalgum, Austrália: **Tagari Publication**, 1988.

MOMBACA, J. *Não vão nos matar agora* (1ª ed.). **Cobogó**. 2021.

MONTELL, Amanda. **Cultish: The Language of Fanaticism**. 2021. Disponível em: <https://archive.org/details/cultish-the-language-of-fanaticism-epub>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MORGENTHAU, H. J. *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*. 6. ed. New York: **McGraw-Hill**, 1985.

MOYO, Inocent. On decolonising borders and regional integration in the Southern African Development Community (SADC) region. **Social Sciences**, v. 9, n. 4, p. 32, 2020.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: **Papirus Editora**, 2007.

NKRUMAH, K. *Neo-colonialism: the last stage of imperialism*. **Thomas Nelson & Sons**, 1965.

NOGUEIRA, Clara Costa. A figura de Cassandra nas tragédias de Ésquilo e Eurípidas, 2015.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom: Diante dos negacionismos, Campinas, ano**, v. 8, p. 1-8, 2021.

OLLIVIAN, Claire, Cottagecore, colonialism and the far-right, **Honisoit**. 2020. Disponível em: <https://honisoit.com/2020/09/cottagecore-colonialism-and-the-far-right/>. Acesso em: 06 dez. 2024

PENGUIN. *The Epic of Gilgamesh: The Babylonian Epic Poem and Other Texts in Akkadian and Sumerian*. London: **Penguin**, 2003 [2100 a.C].

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: **EXO Experimental / Editora 34**, 2005.

REDES. Manifesto Solarpunk. 2019. Disponível em: <https://www.re-des.org/es/um-manifesto-solarpunk-portugues-brasil>. Acesso em: 06 dez. 2024.

REPUBLIC OF THE BEES. From Steampunk to Solarpunk. 2008 Disponível em: <https://republicofthebees.wordpress.com/2008/05/27/from-steampunk-to-solarpunk/> . Acesso em: 27 jan. 2025.

RODEGHERI, Letícia Bodanese. Um novo olhar sobre o constitucionalismo moderno: a possibilidade do plurinacionalismo no Brasil. **Revista Eletrônica Direito e Política**, v. 9, n. 1, p. 205-233, 2014.

RODRIGUES DE SOUSA CHAVEIRO, M. M. Alisamento compulsório do cabelo crespo: Impactos do racismo na subjetividade negra. **FDC 10**, p 2-20. 2024.

ROMERO PÉREZ, Verónica Tatiana. Delimitación de la jurisdicción de la justicia indígena a la luz de la jurisprudencia constitucional. 2021.

SAID, E. W. *Orientalism*. **Pantheon Books**, 1978.

SANTANA, R. A Plurinacionalidade como alternativa. **Cimi**. 2021. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/01/a-plurinacionalidade-como-alternativa/>>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: **Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa**, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da terra. Belo Horizonte: **PISEAGRAMA**, número 12, página 44-51, 2018.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **But She Said: Feminist Practices of Biblical Interpretation**. 1992.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: Marxism and the interpretation of culture. **University of Illinois Press**, 1988.

SHAHNAVAZ, Delia. Earthseed planted: ecofeminist teachings in Octavia Butler's Parable of the Sower. *The Pegasus Review: UCF Undergraduate Research Journal*, v. 9, n. 2, art. 4, 2017.

SOLARPUNK ITALIA. What is Solarpunk: A manifesto. 2020. Disponível em: <https://solarpunk.it/what-is-solarpunk-a-manifesto>. Acesso em: 06 dez. 2024.

SOUSA, Rui B. Estetização da política e politização da arte: a estética do fascismo nas obras de Walter Benjamin. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 171, p. 44-60, 2015.

SPRINGETT, J. Solarpunk: A reference guide. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/solarpunks/solarpunk-a-reference-guide-8bcf18871965>>.

SMITH, Michael E. Os Astecas. 2. ed. Oxford: **Blackwell Publishing**, 2005.

TALEN, Emily. Beyond the front porch: regionalist ideals in the new urbanist movement. **Journal of Urbanism**, v. 7, n. 1, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1538513207307427>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1538513207307427>. Acesso em: 27 jan. 2025.

TAZEWELL, G. **Why The “Clean Girl” Aesthetic Is Problematic**. Disponível em: <https://www.yahoo.com/news/why-clean-girl-aesthetic-problematic-215123429.html> . Acesso em: 27 jan. 2025.

TĒRAUDKALNS, Valdis. **Construction of Masculinities in Contemporary Christianity**. 2003.

TICKNER, J. A. Gender in international relations: feminist perspectives on achieving global security. **Columbia University Press**, 1992.

TO, C. **Cottagecore**. Disponível em: <https://aesthetics.fandom.com/wiki/Cottagecore?so=search> . Acesso em: 16 dez. 2024.

TRACHTENBERG, Marc. The question of realism. **Security Studies**, v. 13, n. 1, p. 156-194, 2003.

WOLF, Mark J. The world builders on worldbuilding: an exploration of subcreation. New York, NY: [s.n.], 2020.



